



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS CURSO DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

DANNYELE LEAL FEITOSA

ENTRE REGRAS E NORMAS:

as mulheres pobres na cidade de Picos-PI nos anos 1960 e 1970

PICOS – PIAUÍ
2017

DANNYELE LEAL FEITOSA

ENTRE REGRAS E NORMAS:

as mulheres pobres na cidade de Picos-PI nos anos 1960 e 1970

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

Orientadora: Prof^a. Msc. Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira.

PICOS – PIAUÍ

2017

Ficha Catalográfica

F311r Feitosa, Dannyele Leal

Entre regras e normas: as mulheres pobres na cidade de Picos-PI nos anos 1960 e 1970 / Dannyele Leal Feitosa. – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¼ pol. (97f.)

Trabalho de Conclusão de Curso(Licenciatura Plena em História)-
Universidade Federal do Piauí., Picos, 2018.

Orientador: Profª. Ma. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

1.História. 2.Mulheres. 3.Pobreza-Picos-PI. I. Título.

CDD 981.22



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos seis (10) do mês de Julho de 2017, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Dannyele Leal Feitosa** sob o título **Entre regras e normas: as mulheres pobres na cidade de Picos-PI nos anos 1960 e 1970**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Profª Ma. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

Examinador 1: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Examinador 2: Profª Es. Lídia Bruna Albuquerque Rodrigues

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 10 de Julho de 2017

Orientador (a): Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira
Examinador (a) 1: Lidia Bruna Albuquerque Rodrigues
Examinador (a) 2: Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

AGRADECIMENTOS

Ao concretizar esse momento da minha vida, quero agradecer a todos que contribuíram para que esse sonho se realizasse.

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre me sustentou e me guiou diante das dificuldades enfrentadas no decorrer da graduação e de toda a minha vida.

Agradecer a meus pais, Maria e José, que sempre me motivaram e me apoiaram, e que nunca deixaram de acreditar em mim. Sou muito grata pela educação e amor que me deram. Amo muito vocês!

Aos meus irmãos, Danilo e Diogo, por estarem sempre presentes. Às minhas sobrinhas, Katarynne e Sofia, pelo simples fato de existirem e tornar minha vida muito mais feliz. Amo vocês!

Ao meu noivo, Mailson, pelas palavras de apoio nos momentos de aflição e por sempre estar ao meu lado. Te amo!

À minha querida orientadora Karla Íngrid, por sempre me direcionar pelos melhores meios, sendo sempre presente e acessível diante das dúvidas e medos que surgiram, sou muito grata por tudo que me ensinou. Muito obrigada!!

A todos os amigos que conquistei no decorrer dessa longa caminhada, que sempre me ajudaram a enfrentar muitos desafios da vida acadêmica, Anna Carolina Larissa, Leiane, Oziana, Édna, e Nádia, obrigada a todas!

Às minhas duas amigas que a UFPI me presenteou e que levarei para toda minha vida, Mercês e Kennya Raissa, que sempre estiveram comigo, que seguraram em minha mão e me deram palavras de apoio nos momentos mais difíceis. Passamos por muitos momentos de angústia, mas sempre juntas, uma apoiando a outra. Sem vocês não teria conseguido, sou muito grata pela linda amizade que conseguimos cultivar. Amo vocês!

Não poderia deixar de agradecer aos meus queridos entrevistados. Mulheres e homem de garra, cada um com uma história de vida que foram de suma importância para a construção desse trabalho, sem vocês nada seria possível. Obrigada a cada um de vocês!!

A Toda minha família, em especial a minha prima Marina, pelas palavras de apoio, pelo carinho e prestatividade.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse sonho se concretizasse. Por isso, essa vitória não é apenas minha, mas de todos vocês, obrigada!!!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como se davam as vivências e experiências das mulheres pobres na cidade de Picos nos anos de 1960 a 1970. Analisando como as normas e padrões da época incidiam sobre a vida dessas mulheres. Compreendendo quais os espaços de lazer e os locais de trabalhos, assim, como também enfatizaremos sobre o casamento e honra das mulheres, dentro da visão de submissão a figura masculina. Nesse trabalho, serão usados como suporte bibliográfico os trabalhos de Carla Pinsky (2005), Pedro Vilarinho (2006), Raquel Soihet (2011), Michelle Perrot (1995), Joan Scott (1995), dentre outros. Essa pesquisa apoia-se na metodologia de Maurice Halbwachs, (1990), e Sonia Maria Freitas(2002), com base sobre o método de História Oral e Memória. Ainda como suporte para esse estudo a análise das edições dos jornais *A Voz do Campus* e *O Dominical*, dos anos de 1960 a 1972. Compreendendo o forte poder desse meio de comunicação para disseminar o discurso normatizador da Igreja Católica que pesava na vida das mulheres.

Palavras-chave: História. Mulheres. Pobreza. Picos-PI.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the experiences of the poor women in the city of Picos from the 1960s to the 1970s. Analyzing how the norms and standards of that era focused on the lives of these women. Understanding which was their places of leisure and work, as well as emphasizing on their marriage and honor, within the vision of submission to a male figure. In this academic work, the works of Carla Pinsky (2005), Pedro Vilarinho (2006), Raquel Soihet (2011), Michelle Perrot (1995), Joan Scott (1995) and others will be used as bibliographic support. This research is based on the methodology of Maurice Halbwachs, (1990), and Sonia Maria Freitas (2002), based on the Oral History and Memory method. Also supporting this study is the analysis of the editions of the newspapers “A Voz do Campo” and “O Dominical “ from the years of 1960 to 1972. Understanding the strong power of this means of communication to spread the normative discourse of the Catholic Church that weighed on women's lives.

Keywords: History. Women. Poverty. Picos-PI.

.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: Vista parcial da Cidade de Picos na Década de 1950	19
Imagem 02: Vista da Praça Félix Pacheco	29
Imagem 03: Feira de Picos-Piauí na década de 1960	38
Imagem 04: Cine Spark na década de 1960	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I: ENTRE A MORAL E OS BONS COSTUMES DA SOCIEDADE PICOENSE: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES POBRES EM ALGUNS ESPAÇOS DE LAZER	18
1.1 Picos: hábitos e costumes rurais	19
1.2 A Igreja Católica na Construção da História das Mulheres.....	22
1.3 A Valorização dos espaços urbanos: Lazer Feminino em Picos.....	27
1.4 Diversão e Segregação: a Praça Félix Pacheco	30
1.5 Rio Guaribas.....	35
1.6 “E foi na feira que eu encontrei ele”: a Feira Livre na cidade de Picos.....	37
1.7 O Cine Spark	41
1.8 Picoense Clube	45
1.9 A Zona do Baixo Meretrício: os Cabarés	47
CAPÍTULO II: O LABOR: OS TRABALHOS EXERCIDOS PELAS MULHERES POBRES	48
2.1 Trougha suja na Cabeça e lá vão elas: as Lavadeiras	58
2.2 “Fui muito cuidadeira de criança”: o trabalho das babás	60
2.3 “Lá na minha banca eu era muito prestativa”: a Feira Livre e as mulheres feirantes	63
2.4 Lavadeiras e Engomadeiras: “trougha de roupa na cabeça e lá vão elas”	66
CAPÍTULO III: AS MULHERES E O CASAMENTO: CONSERVADORISMO DOS VALORES MORAIS DA FIGURA FEMININA.....	68
3.1 O Modelo Definido de Mulher Ideal: Honra, casamento e virgindade.....	68
3.2 “Os Desvios de Padrões”: as Celibatárias.....	77
3.3 Perante a Palavra de Deus: o Divórcio.....	84
3.4 A Anticoncepção: a Igreja condena os métodos contraceptivos.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
FONTES E REFERÊNCIAS.....	91

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como título “Entre Regras e Normas: as mulheres pobres na cidade de Picos-PI nos anos de 1960 e 1970”, no qual pretendemos analisar como se davam as vivências e experiências desses sujeitos históricos na cidade de Picos nos anos citados. Nossa problemática de pesquisa se desenvolverá em torno da indagação: como as regras e normas da sociedade picoense incidiam sobre as mulheres pobres no recorte temporal das décadas de 1960 e 1970? Nos possibilitando entender como o padrão de moralidade da época era atribuído para as mulheres de camada social mais carente, e se de fato era seguido por elas da mesma forma que era seguido pelas mulheres de classe média e alta?

A escolha pelo recorte temporal de 1960-1970 surgiu pelo fato de ser um período de grandes transformações na sociedade. Notamos que é nesse período que as regras e normas impostas passam a ser questionadas com maior veemência. Diante disso, percebemos que a década de 1960 é um período de mudanças no que diz respeito aos hábitos, costumes, modos de agir e pensar, olhares diferentes começam a surgir no que tange ao ser “certo e ser errado”, ao “poder e não poder”.

(...) nos anos sessenta, o momento de pôr em questão os valores, rebelando-se contra os costumes. Os conceitos, repassados pelos pais ou por outros instrumentos de serialização, como a escola, se revelariam insuficientes para dar conta de compreender um mundo que apesar de ser marcado pela velocidade de suas mutações, parecia resistente e reativos a mudanças justamente em termos dos valores e hábitos consagrados¹.

Como podemos observar o país passava por diversas mudanças, mas em relação aos valores e costumes morais o país se mostrava resistente e o que dizer sobre o comportamento das pessoas em cidades interioranas como Picos-Pi? Como se deram as mudanças de valores morais e tradicionais dessa cidade? As regras e normas da sociedade picoense incidiam com mais intensidade sobre as mulheres? Como se dava as normas e regras sobre as mulheres de classe média e alta? Qual

¹ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. Annablume, 2005a, p. 61.

era o papel das mulheres pobres em Picos? Questões como essas fazem parte desse trabalho.

O referido trabalho tem como propósito ainda perceber quais eram os espaços ocupados pelas mulheres pobres da época em estudo, bem como os lugares que poderiam frequentar, e os novos espaços de sociabilidades dessas mulheres. Serão discutidas as relações do trabalho feminino, se era algo possível para as mulheres pobres ter um trabalho, quais eram os trabalhos que as mesmas poderiam ocupar. Essas são algumas das inquietações da pesquisa.

A realização desse trabalho se justifica por ser de grande relevância para a academia, pois pouco se discute a vida e experiências das mulheres pobres na academia, sendo importante destacar o pioneirismo da professora Raquel Soihet, intitulada *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*². No tocante às especificidades de Picos, percebemos que os trabalhos que apresentam estudo sobre mulheres discutem apenas mulheres de família de classes média e alta, como a pesquisa da historiadora Karla Oliveira³, que foi o despertar para a construção do nosso objeto de pesquisa, assim, notamos a grande carência de estudos sobre as mulheres pobres, pois muito tempo elas passaram despercebidas na história. Se faz necessário lembrar da pesquisa em que ela assinala:

Apesar da existência de muitas semelhanças entre mulheres de classes sociais diferentes, aquelas das camadas populares possuíam características próprias, padrões específicos, ligados às suas condições concretas de existência. Como era grande sua participação no “mundo do trabalho”, embora mantidas numa posição subalterna, as *mulheres populares*, em grande parte, não se adaptavam às características dadas como universais ao sexo feminino: submissão, recato, delicadeza, fragilidade. Eram mulheres que trabalhavam e muito, em sua maioria não eram formalmente casadas, brigavam na rua, pronunciavam palavrões, fugindo, em grande escala, aos estereótipos atribuídos ao sexo *frágil*⁴.

Durante todo o curso de História, em especial na disciplina de Gênero e História houve a motivação pelas leituras sobre as mulheres, o que acabou

² SOIHET, Raquel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

³ Existem alguns trabalhos que estudam as mulheres de classe média e alta, entre eles podemos citar o trabalho da pesquisadora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira intitulado “A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960”.

⁴ SOIHET, Raquel. *Mulheres Pobres e violência no Brasil urbano*. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011, p. 367.

incentivando a trabalhar com a temática de Gênero. Ao longo da trajetória acadêmica, podemos perceber que as mulheres eram retratadas apenas pela sua missão de ocupar o papel de esposa dedicada e mãe, sendo educada apenas para ser uma boa esposa e servir ao marido, com essa visão cristalizada sob as mulheres houve a motivação de retratar uma nova história dando vez e voz às mulheres, nesse caso especificamente, as mulheres pobres de Picos, que eram ainda mais invisibilizadas.

Segundo Michelle Perrot, “escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas”⁵. Entendendo, pois, que as mulheres devem fazer parte da historiografia enquanto sujeitos construtores da história, mas que foram por muito tempo mantidas invisíveis. Apenas recentemente, na metade do século XX, a academia começou a produzir trabalhos sobre mulheres, restringindo essa história apenas às mulheres ricas, excluindo as mulheres pobres da história. Diante do exposto, pretendemos então fazer uma abordagem sobre as mulheres pobres em Picos-PI nas décadas de 1960 e 1970.

Nesse sentido, podemos nos perguntar: se as mulheres ricas já eram excluídas e silenciadas da história, o que aconteciam então com as mulheres pobres? É nesse sentido que se fez de grande importância a leitura do livro de Michelle Perrot⁶, *Os excluídos da história*, onde é abordado na segunda parte do livro as mulheres como personagens excluídos da história oficial. E assim, se faz o momento essencialmente novo de dar voz às mulheres pobres da cidade de Picos-PI que carregam suas próprias histórias guardadas em suas lembranças. Assim como nos fala Perrot:

Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres tem uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos⁷.

⁵ PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. [tradução Ângela M. S. Côrrea]. – São Paulo: Contexto, 2007, p. 16.

⁶ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁷ PERROT, Michele. DOSSIÊ:. *Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência*. Cadernos Pagu, 4: 9-28, 1995, p. 9.

Eram impostas para elas normas de como se comportar, para não se tornarem faladas pelas pessoas na sociedade. Assim, desde a Idade Média, as mulheres teriam que seguir o modelo de Maria, obediente e dedicada ao marido e aos filhos, elas assim, não viviam para si, mas em função de outros – filhos, marido, pais, irmãos e/ou sobrinhos.

Durante muito tempo logo que se percebia que as meninas iniciavam uma transformação do corpo (com a passagem da adolescência) significava para família que já estavam prontas para o casamento, e conseqüentemente para a maternidade, sendo este o principal papel a ser ocupado por elas, o de ser mãe e dar à luz aos filhos, segundo os ensinamentos da Igreja Católica. Como podemos perceber em Castelo Branco:

A escrita do feminino para os católicos se complementava com o exercício da maternidade. Ser mãe deveria tornar-se a vocação feminina por excelência. Em nome desse verdadeiro sacerdócio deveria anular-se, esquecer-se de parte de sua corporalidade, deixar de ser mulher enquanto corpo marcado pela libido, para ser mãe. Dedicando toda a vida aos filhos, cuidando, educando, ensinando os valores cristãos⁸.

Ao longo do século XX em Picos é visível resquícios de um forte conservadorismo e de normas moralistas impostas pela Igreja Católica que carregava o forte poder normatizador sobre as mulheres. A imagem da família ainda era tida como sagrada perante a Igreja. A mulher tinha o destino natural de ser mãe, esposa e dona de casa. A Igreja Católica tinha o interesse em manter o cotidiano das mulheres na esfera privada, como podemos observar na seguinte citação:

A própria Igreja Católica procurava restringir a atuação das mulheres à esfera privada. Ao desencorajar a participação feminina no mundo da política e do trabalho fora de casa, os religiosos reforçavam a hierarquia existente entre homens e mulheres e o ideal de reclusão feminina⁹.

⁸ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Catolicismo e relações familiares: as redefinições das identidades de gênero no Brasil do alvorecer do século XX*. In: NASCIMENTO, F. A.; VAINFAS, R. (Org.). *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006, p. 374-375.

⁹ ABNER, June C. *Honra e distinção das famílias*. In: PINSKY & PEDRO. (orgs.), *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p.48.

No decorrer dos anos o papel da mulher no cenário mundial passou por algumas transformações, a partir daí a academia começou a se interessar por pesquisar o feminino como categoria homogênea e antagônica ao masculino.

Já no final da década, porém, tensões instauraram-se, quer no interior da disciplina, quer no movimento político. Essas tensões teriam se combinado para questionar a viabilidade da categoria 'mulheres' e para introduzir a 'diferença' como um problema a ser analisado. Inúmeras foram as contradições que se manifestaram, demonstrando a impossibilidade de se pensar uma identidade comum. A fragmentação de uma ideia universal de 'mulheres' por classe, raça, etnia, geração e sexualidade associava-se a diferenças políticas sérias no seio do movimento feminista. Assim, de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a outra, em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades¹⁰.

A partir das discussões acima, é que a viabilidade desse trabalho se faz cada vez mais significativa, visto que traz luz à articulação do gênero com a classe, muitas vezes esquecidas – são mulheres e pobres.

Assim, será abordado nessa pesquisa os locais que as mulheres pobres podiam se fazer presentes na cidade de Picos, como elas eram vistas perante a sociedade em especial, a masculina, e qual era o seu papel, tendo em vista que o papel da mulher ainda era muito restrito nessa época.

Renato Duarte, em seu livro *Picos, os verdes anos cinquenta*¹¹, escreve sobre suas memórias de Picos de 1950, com intuito de não deixar apagar e mesmo cair no esquecimento o vivido e o não vivido, o lembrado e o (re)construído. Segundo Duarte, Picos era uma cidade tradicional, que embora estivesse em crescente desenvolvimento ainda carregava muitos traços e costumes remotos, podemos observar que o autor defende que a maior parte desse tradicionalismo se conservava em relação às mulheres que viviam imersas a costumes e hábitos tradicionais, que se faziam presentes em decorrência de uma população, que ainda não haviam se desprendido dos laços conservadores e, bem como dos costumes presentes no meio rural no qual habitavam.

¹⁰ SOIHET, Raquel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007, p. 281-300.

¹¹ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. 2. ed. rev. ampl. Recife: Nordeste, 1995.

Ao longo dos anos de 1960 em Picos, algumas inovações tecnológicas já se mostram visíveis como o rádio e o cinema¹², provavelmente essas inovações trariam algumas mudanças para a sociedade, e possivelmente iriam fazer com que as mulheres pudessem ter um novo olhar sobre elas mesmas, pois entraria em contato através desses meios com novos estilos de vida, o que acabava por lhes mostrar novas possibilidades de se viver, que poderiam exercer outros papéis além de mãe e esposa, perceberiam também que, por muito tempo, foram sujeitos silenciados/excluídos da História.

Com esses meios de comunicação, logo notamos um contestamento ao estabelecido até então, surgindo dessa maneira muitos questionamentos aos valores pré-estabelecidos. Os anos 1960 no cenário mundial foi um período de contestações ao que era estabelecido, e isso não era diferente quando se falava em relação à mulher, e nesse meio os novos estilos de vida da mulher foram vistos por muitos como um comportamento desviante da norma tradicional da igreja e da sociedade.

Nos anos de 1960 em Picos, embora não houvesse ainda um movimento nomeado como feminista já existiam aquelas mulheres que saíam das normas, pois por muito tempo já se sentiam incomodadas com as regras que a sociedade, e principalmente os homens lhes impusera.

Esse estudo utilizará como possíveis ferramentas, as lembranças de mulheres e homens, para assim, tentarmos entender as relações de vivências, dos trabalhos e do cotidiano, utilizando-se do método da História Oral e da coleta de fontes imagéticas, assim, partiremos da possibilidade de apoiarmos nos relatos de mulheres ricas e pobres e de homens da referida época, para registramos sobre o que passou e o que ficou como memória.

Utilizar a memória de homens para um trabalho que versa sobre mulheres diz respeito ao caráter relacional que a pesquisadora Joan Scott¹³ dá aos estudos de gênero, afirmando que eles não devem ser estudados separadamente, assim, procuramos entender como os homens percebiam a presença das mulheres pobres no espaço público, quais os olhares construídos por eles em relação às mulheres de Picos.

¹²LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine Spark: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 89f. Monografia (Licenciatura em História) – UFPI, Picos, 2012.

¹³ SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v 20, n.2, p.71-99, jul./dez,1995.

Assim, também buscaremos apoio em jornais como: O jornal *O Dominical*¹⁴, um periódico que circulou semanalmente de 1937 a 1971 pertencente à Diocese de Teresina, e o jornal *Voz do Campus*¹⁵. Utilizaremos também fotografias da época que fazem parte da memória da cidade de Picos, dessa forma realizaremos um diálogo entre passado e o presente por meio dessas ricas fontes de pesquisa histórica.

Segundo Sonia Maria Freitas¹⁶, trabalhar com História Oral nos possibilita refletir sobre o relato dos fatos, a partir da voz dos próprios protagonistas da história.

A História Oral é um método de pesquisa que utiliza como técnica entrevistas e procedimentos que se fazem articulados entre si, com o cruzamento de fontes como fotografias e registros de narrativas de experiências humanas, ou seja, a história oral é uma fonte como qualquer outra.

Nesse sentido, a memória pode ser interpretada como uma história, que relata por meio da conversa entre as pessoas sobre acontecimentos do passado, dando a possibilidade de diferentes interpretações, e mantém viva a memória coletiva. Partindo disso, a História Oral é definida por Allan Nevis como sendo uma História moderna, que utiliza de recursos eletrônicos, a História Oral é técnica e fonte que produz conhecimento¹⁷, ele afirma: “o mínimo que podemos dizer é que a História Oral é uma fonte, um documento, uma entrevista gravada que podemos

¹⁴ O jornal *O Dominical* foi um periódico semanal pertencente à Diocese de Teresina. Foi fundado por Dom Severino Vieira de Melo em 1937, passou alguns anos sem circulação e voltou a ser publicado em 1948, circulando até 1971. Com base nos jornais analisados, é bastante recorrente essa ideia. Em quase todas as edições, essa frase – “O Dominical é o jornal das famílias e dos católicos piauienses”. Entendo que a Igreja Católica utilizava desse meio de comunicação como forma de controle social, através dos princípios cristãos propagados, manter o controle principalmente sobre a vida das mulheres. Além de ter sido um jornal de circulação teresinense, ainda circulava em outras cidades piauienses, como Picos, Valença, Campo Maior, Piripiri, Castelo do Piauí, dentre outras. Para mais informações ver: Luz, Marina Priscila Lisboa Araújo. *Entre Marias e Evas: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX* / Marina Priscila Lisboa Araújo Luz – 2016. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

¹⁵ O jornal *A Voz do Campus* foi um jornal que teve sua primeira edição na data de 8 de dezembro de 1972, escrito pelo estudantes e professores da Universidade Federal de Goiás que se encontravam na cidade de Picos, em consequência do Projeto Rondon no intuito de divulgar as atividades desenvolvidas por estes grupos na cidade de Picos, como também do intercâmbio de informações da pequena cidade do interior do Piauí, para a cidade sede da Universidade, no Goiás. Não se tem ao certo uma periodicidade, visto que, a edição nº1 é do dia 08/12/72, contudo a edição nº 2 já é do dia 28/12/72 e, a edição nº 3 consta da data de 18/01/73. Para mais informações, ver: SOUSA, Ceane Alves de. *Atuação do Projeto Rondonna cidade de Picos-PI, no período de 1972-1983*. 72f. 2013. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, 2013.

¹⁶ FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo. Humanitas, 2012.

¹⁷. NEVIS, 1985 apud FREITAS, 2003, p.18.

usar da mesma maneira que usamos uma notícia de jornal, ou uma referência em um arquivo, em uma carta¹⁸.

Logo, percebemos que a finalidade da História Oral é de criar fontes históricas, onde devemos ter sempre o cuidado de armazenar e conservar as documentações encontradas, que servirão para nos auxiliar em trabalhos historiográficos.

Maurice Halbwachs¹⁹, em *A memória coletiva* se mostra um suporte de grande importância para este trabalho, por entender que “a memória individual não está isolada. Frequentemente, toma como referência pontos externos ao sujeito. O suporte em que se apoia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica²⁰.”

Entendemos que a existência da memória individual se dá a partir da memória coletiva, dessa maneira, as lembranças são construídas por meio da memória do coletivo, pois essas duas segmentações se complementam e são indissociáveis.

Portanto, foram de suma importância para a construção desse trabalho as entrevistas realizadas com pessoas que viveram em Picos nas décadas de 1960 e 1970 entre eles: Maria Oneide Fialho Rocha²¹, Dionísia da Conceição Gonçalves²², Luísa Amélia Irineu de Sousa²³, Raimunda Diva Guimarães Leôncio²⁴ e José Rodney Leal Brito²⁵.

¹⁸ Idem, p.18

¹⁹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice. Revista dos Tribunais, 1900, p. 57-59.

²⁰ Idem, p. 57-59.

²¹ Maria Oneide Fialho Rocha, nasceu em Picos-PI, solteira. É professora aposentada da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Atualmente é Secretária de Planejamento, Orçamento e Avaliação da cidade de Picos-PI. *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa. Picos, 2016.*

²² Dionísia Conceição Gonçalves, nasceu na cidade de Ipiranga-PI, casada, veio morar em Picos quando tinha entre onze e doze anos, e sempre trabalhou para se manter. Começou trabalhando como babá, mas exerceu outra profissão, a mesma foi feirante na feira livre de Picos, e hoje é aposentada.

²³ Luísa Amélia Irineu de Sousa, nasceu em 01/08/1936, em Picos-PI, casada. Foi lavadeira e engomadeira, atualmente é aposentada, hoje está com 80 anos de idade.

²⁴ Raimunda Diva Nobre Guimarães Leôncio, viúva, funcionária do IAPEP aposentada, também trabalhou no Serviço Social do Estado, e foi diretora da Mulher no bairro da Aerolândia. Natural do Rio Grande do Norte, do município de Santana de Matos. Veio morar em Picos em 1950 quando ainda tinha 15 anos com toda sua família, construiu família em Picos, onde vive até hoje.

²⁵ José Rodney Leal Brito, solteiro, nasceu em 30/01/1956, em Bocaina, então povoado do município de Picos que hoje já é emancipado e, veio morar em Picos com o objetivo de dar continuidade aos estudos, uma vez que em sua cidade natal só oferecia no período até o curso primário.

As lembranças e memórias dessas mulheres e homens nos auxiliaram como suporte para esta temática sendo a nossa fonte principal.

A pesquisa está dividida em três capítulos, no primeiro capítulo intitulado *Entre a moral e os bons costumes da sociedade picoense: a participação das mulheres pobres em alguns espaços de lazer*, analisaremos como se deu a construção da escrita das mulheres e de que forma foram se modificando em sociedade, e assim, ressaltaremos as mulheres como sujeitos participativos, fazendo parte da historiografia. Considerando a Igreja Católica como o principal agente modelador da sociedade, ressaltaremos a participação da igreja na construção da moral e dos bons costumes de Picos.

Será realizado também um panorama dos espaços de lazer da cidade de Picos, dando um destaque maior para os espaços de sociabilidade da juventude picoense com o intuito de perceber como se davam as vivências das mulheres nesses lugares e como se comportavam, observaremos se havia a presença de mulheres de classe baixa em algum desses espaços de sociabilidades.

Nesse sentido, tivemos a pretensão de contextualizar os cenários socioculturais picoenses, e buscar descrever as atividades que eram realizadas pela sociedade de Picos no recorte adotado. Analisaremos os espaços que se apresentavam como forma de lazer, tais como, a Praça Félix Pacheco, o Rio Guaribas, a Igreja Católica, a Feira Livre, e o Picoense Clube, com a finalidade de melhor compreensão das práticas culturais e da mentalidade presente na sociedade de Picos daquela época.

No segundo capítulo abordaremos os trabalhos femininos, dando um maior destaque para os exercidos pelas mulheres pobres da cidade de Picos, trazendo a fala dessas mulheres, e o que elas representavam para a sociedade picoense.

No último capítulo falaremos do casamento e honra, onde foi feita uma abordagem geral sobre os comportamentos e costumes tradicionais nos quais estas mulheres estavam inseridas, discutindo como eram os casamentos, de como as mulheres eram submissas à figura masculina. Logo percebemos o papel ideal da mulher, de casar-se, ter filhos e cuidar de seu lar e do seu marido, dentro dos ensinamentos da Igreja Católica.

CAPÍTULO I:

ENTRE A MORAL E OS BONS COSTUMES DA SOCIEDADE PICOENSE: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES POBRES EM ALGUNS ESPAÇOS DE LAZER

Nesse capítulo, faremos uma discussão sobre a participação das mulheres pobres nos espaços de lazer disponíveis na cidade de Picos para assim, percebermos como as diferenciações de gênero e classe permeavam o imaginário coletivo da sociedade picoense.

Para tanto, dialogaremos com autores como Renato Duarte²⁶ que através de seu livro de memórias discute a cidade de Picos nos anos de 1950 e Karla Oliveira²⁷ que cartografou os espaços de lazer possíveis para a juventude picoense. Esses dois textos foram de fundamental importância para a construção desse trabalho, nos possibilitando entender os costumes, vivências, experiências e a moralidade do período em estudo.

1.1 Picos: hábitos e costumes rurais

Nas décadas 1940, 50 e 60, de acordo com Karla Oliveira²⁸ Picos era um pequeno aglomerado urbano, tendo a existência de poucos bairros na cidade, como é exposto na seguinte fala:

Picos possuía os seguintes bairros na época: Bomba, nome dado pelo fato de no local existir o único posto de gasolina da cidade, o bairro Catavento, a Trizidela que era o bairro periférico no qual moravam as pessoas de menor poder aquisitivo, e o centro formado pela Praça Félix Pacheco, a Rua Grande, que é a atual Avenida Getúlio Vargas e o Mercado Público Municipal²⁹.

Nas décadas de 1960 e 1970 a cidade ainda era carregada de muitos traços da maioria das cidades do interior do Nordeste com o modo de vida baseado no meio rural, com sua população foi predominante do campo.

²⁶ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. 2. Ed. Ver. Ampl. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

²⁷ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011.

²⁸ Karla Oliveira, 2011, p. 21

²⁹ Idem, p. 21.

Renato Duarte³⁰ salienta que nos períodos de 1940, 1950 e 1960 a cidade de Picos possuía poucas ruas calçadas, onde eram pavimentadas apenas as que faziam parte do centro, como a Praça Félix Pacheco, a Praça do Mercado (hoje atual Justino Luz), e a Rua Grande (atual avenida Getúlio Vargas), que nem mesmo era totalmente calçada. Vejamos abaixo a fotografia da vista da cidade de Picos na década de 1950, onde podemos ver ilustrado essas rua.

Imagem 01: Vista parcial da cidade de Picos na década de 1950



Fonte: Museu Ozildo Albano

Segundo as menções de Karla Oliveira³¹, Picos era um pequeno núcleo urbano diretamente ligado ao meio rural no qual se encontrava em desenvolvimento. Diante disso, podemos observar algumas mudanças presentes em seu cenário. Até metade da década de 1950 a cidade era cercada de matas verdes como podemos observar na imagem, e mesmo em meses mais secos as árvores faziam parte da sua paisagem, não apenas com sua predominância na

³⁰ DUARTE, R. Picos: os verdes anos cinquenta. 2 ed. Ver. Ampla. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

³¹ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011, p. 20-21.

praça, mas por toda a cidade, isso por estar cercada por cinturões de umidade que, contribuíam para a sua sobrevivência e desenvolvimento da economia local.

Karla Oliveira³² em seu trabalho expõe o depoimento de Oneide Rocha sobre o espaço geográfico urbano da cidade de Picos na década de 1960, trazendo a seguinte memória:

Chegava ali nos Correios, pra lá não tinha mais casas na década de 1960. Os circos eram armados onde hoje é o Posto Total. Onde hoje é a 9ª Gerência de Educação, em 1960 foi inaugurado ali o Marcos Parente, a Unidade Escolar Marcos Parente, porque ele funcionava naquelas casas que ficam em frente ao Picoense Clube [...] Mas quando você chegava nos Correios, só tinha uma casa ali na rua que hoje é a rua Monsenhor Hipólito [...] tinha uma casa, mas a gente não a via porque ela era coberta de mato, sabe. E o mais, o Canto da Várzea não existia, existia a casa de Dr. Waldim lá na Severo Eulálio, quando você entra na Severo Eulálio, naquela rotatória, tem uma casa que é chamada a Ingazeira e lá a gente ia passear, fazer os piqueniques³³.

Houve o processo de distanciamento da população pobre do centro para os morros, logo percebemos que a cidade estava situada em uma área geográfica de grande proximidade aos morros picosos, no qual deriva o nome da cidade³⁴.

De 1950 até meados de 1960, como afirma Renato Duarte³⁵, ainda não existia no município o sistema de encanamento, e a água existente para o consumo dos moradores era retirada do Rio Guaribas³⁶, por meio do auxílio de “âncoras³⁷ e, posteriormente era transportada para as residências carregadas em cima de jumentos. A água que seria utilizada para o consumo diário eram guardadas em potes de barro.

No Rio Guaribas existiam as áreas em que a água era mais apropriada para o consumo humano, como os dois “olhos d’água”: o Cabaços, localizados a três quilômetros do centro, e o Boa Vista, que atualmente faz a localização do Povoado Cristovinho. Se faz interessante frisar que essas águas referidas acima eram compradas pelas pessoas de maior poder aquisitivo.

³² OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011, p. 24.

³³ ROCHA, Maria Oneide Fialho. Entrevista concedida à Karla Oliveira, 2011, p. 24.

³⁴ De acordo com Karla Oliveira Picos recebe esse nome por estar localizada entre montes picosos.

³⁵ DUARTE, 1995, p. 50.

³⁶ O Rio Guaribas por muitos anos foi a principal fonte de subsistência e de renda dos picoenses.

³⁷ Conhecidas popularmente como ancas. É um recipiente feito de madeira e borracha que servia para armazenar água e era amarrado nos lombos dos animais para o transporte.

No que se refere a estrutura econômica da cidade de Picos na década de 1940 e 1950 era formada pela agropecuária e o comércio, e a sua Feira Livre já ocupava o lugar de uma das maiores do Nordeste. Logo, aconteceu um grande crescimento da agricultura ocupando o espaço de principal atividade econômica, superando a pecuária e o comércio. Isso se deve a fertilidade das terras que com as águas das vazantes do Rio Guaribas, propiciava a irrigação.

A agricultura nesse período era a principal atividade da economia picoense. Através das vazantes do Rio eram feitas grandes plantações de cebola, cebolinha, arroz, batata e alho²⁰, o qual dava ao município o nome de grande produtor nacional, essas plantações eram realizadas no leito do rio Guaribas que exercia um grande e importante papel para a economia local.

Portanto, consideramos que Picos como uma cidade com hábitos e costumes conservados centrada na religião cristã com sua população basicamente rural, se manteve dentro do tradicionalismo que igreja inseriu na sociedade mesmo diante do avanço econômico da cidade.

1.2 A Igreja Católica na Construção da História das Mulheres

No livro *História das Mulheres*³⁸, Michelle Perrot analisa como e quando se desenvolveu a historiografia das mulheres na França e como essa vertente historiográfica recebeu contribuições de diferentes setores, entre eles, a antropologia histórica que colocou a família, a partir do século XIX, como cerne da sociedade, discutindo noções de parentesco e sexualidade, dando abertura, conseqüentemente, para discutir o feminino.

Com a ressignificação da família como célula fundamental a mulher adquire um novo papel, a partir de daí percebe-se a necessidade de inserir a mulher como protagonista no processo histórico, devia-se então construir uma escrita da história comprometida com grande possibilidade de se pensar as mulheres no âmbito da historiografia como sujeitos da sua própria história.

Segundo a perspectiva de Michelle Perrot foram os movimentos feministas que de forma direta deram início a história das mulheres, como relatado: “Ela é fruto do movimento das mulheres e de todas as interrogações que tal movimento suscita.

³⁸ PERROT, Michelle; DUBY, George. *História das mulheres: a Antiguidade*. Porto/São Paulo: Edições Afrontamentos/EBRADIL, 1994, p. 13.

“Quem somos? Onde somos? Para onde vamos?” diziam elas nos seus encontros; isto deu um impulso determinante ao ensino e à investigação das universidades”³⁹.

Por volta da década de sessenta as mulheres conquistaram mais espaço na sociedade passando a ser reconhecida para além do âmbito doméstico, reivindicando espaço na historiografia e chegando até a serem protagonistas da própria história, possivelmente uma das causas que contribuíram para esse avanço foi o aparecimento dos movimentos feministas, como vimos anteriormente.

No que se refere ao ambiente brasileiro, no caso das mulheres de Picos o papel de dona de casa e mãe de família se fazia fortemente presente durante a década de sessenta por se tratar de um período carregado por um forte conservadorismo e moralismo impostos pela sociedade, mas sobretudo, pela Igreja Católica, que detinha forte influência perante toda a sociedade picoense, de acordo com Ikaro Góis⁴⁰ “a religiosidade sempre foi marca importante na vivência cotidiana de Picos, desde a época em que era apenas uma vila” e ainda continua afirmando que vários “elementos fizeram de Picos, um centro de religiosidade e fé, principalmente a nível estadual”, o que possivelmente possa explicar a forte presença das normas tradicionais impostas pela igreja católica.

Por ser uma cidade do interior do Piauí e ligada aos valores morais da igreja católica, Picos demorou um pouco mais em relação a grandes capitais para perceber as mulheres como agentes participativos da história, restringidas apenas ao papel de coadjuvantes.

De acordo com Mary Del Priore, a igreja designava o papel da mulher.

A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos estaria indo contra a natureza, não podia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes. Assim, desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar⁴¹.

Percebemos então o forte poder normatizador da Igreja Católica sob a mulher. Percebemos ainda que as regras sociais atribuídas às mulheres desse

³⁹ PERROT, Michelle; DUBY, Georges. *Escrever a História das mulheres*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994, p. 13.

⁴⁰ FONTES, Ikaro Góis. 2011 p. 13.

⁴¹ PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. 10.ed. 1ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011, p. 609-610.

período eram sem dúvida a de tornar as mulheres instruídas para serem uma boa esposa, uma boa dona de casa, e uma mãe exemplar, cuidadora da educação dos seus filhos dentro dos ensinamentos da religião católica.

Segundo Luciana Pereira, a Igreja Católica cria mecanismos para disciplinar os jovens tanto nas escolas, em casa, como na própria igreja, como forma de controlar seus instintos mundanos⁴². A Igreja era carregada de cuidados até mesmo com as aparências das mulheres, impondo-lhes padrões de vestimentas. De acordo com essas normas as mulheres só poderiam frequentar a Igreja, se estivesse com vestimentas adequadas, que seriam roupas longas com as mangas compridas. Assim relata Diva Guimarães que “nesse nosso tempo ninguém ia com vestido cavado, nem decotado. Todas as pessoas de Picos tinham um bolero, levava no braço, quando aproximava a Igreja botava o bolero, assistia a missa, quando saía aí ia pra Praça”⁴³.

Portanto, podemos perceber que havia normas e regras até mesmo para o modo de vestir das mulheres, além de muitas outras situações, então, diante do forte conservadorismo algumas mulheres se mostravam inconformadas.

E foi nesse sentido que notamos que em Picos já era possível perceber que algumas mulheres saíam das normas, como era o caso das solteironas⁴⁴, que se negavam a seguir o que a sociedade e a Igreja “defensores da moral e dos bons costumes” propunham ser o ideal para elas, o casamento.

Algumas solteironas como eram chamadas pela sociedade picoense as mulheres que não se relacionavam com os jovens da cidade; em dias de lazer na praça preferiam ficar nas calçadas altas observando todo aquele movimento por não se sentirem a vontade àquele meio. As mesmas não gostavam de se sentirem pressionadas por todos aqueles costumes que regiam a vida das jovens.

Aparentemente as solteironas sentiam-se inibidas em frequentar a praça, um local retalhado em seções com base em critérios tão rígidos quanto variados, envolvendo idade, interesses, classes sociais etc. Mas as solteironas da cidade tinham uma espécie de

⁴² PEREIRA, Luciana de Lima. Espaço urbano teresinense entre a salvação e a perdição na década de 1950. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, jul 2011, p. 5.

⁴³ GUIMARÃES LEÔNICIO, Raimunda Diva Nobre. Entrevista concedida a Dannyele Leal Feitosa, Picos, 2017.

⁴⁴ Ver mais sobre o assunto em: MAIA, Cláudia de Jesus. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)*. 2007. 302f. Tese (Doutorado em História) – UnB, Brasília, 2007.

plataforma de observação, a calçada do Picos Hotel, que ficava situado no local onde hoje funciona o Armazém Alencar, no começo da rua Coronel Luiz Santos. Dizia-se que era daquele local que muitos fatos acontecidos na praça, ou histórias fantasiosamente elaboradas, ganhavam a rua e se tornavam públicas⁴⁵.

Para a Igreja, as mulheres eram as responsáveis por todo bem estar da sua família, elas eram responsáveis em semear a concórdia em seu lar, não medindo esforço e sacrifício por todos, deveria ter como sua principal função a total dedicação aos filhos e ao esposo. Nesse sentido Castelo Branco discute as vivências femininas no início século XX em Teresina e expõe que:

As relações familiares, que teriam como base o amor, a afeição e a intimidade entre pais e filhos, colocariam a mãe como a principal responsável pelo bem-estar dos membros da família, aos quais deveria dedicar sua vida, seu afeto e todos os esforços e sacrifícios. Esse discurso de abnegação e total dedicação aos filhos e ao esposo era propagado e valorizado, em grande parte pela Igreja Católica⁴⁶.

Na pesquisa apresentada por Pedro Rocha em sua monografia sobre musicalidade picoense no final da década de 1960 e início de 1980⁴⁷ o autor ressalta que a religião católica carregava sobre a cidade um forte poder conservador, percebendo que o modo de vida com pouca agitação se dá não apenas pela forte ligação com o meio rural, mas, sobretudo pelo forte poder tradicionalista que a Igreja incidia sobre as pessoas, e conseqüentemente, gerando uma estabilidade no modo de estar no meio social.

Ainda de acordo com o autor “O que se pode perceber é que esses elementos religiosos e familiares outorgavam às normas e leis para sociedade picoense, que se sentia pressionada a cumprir com as devidas regras, garantindo isso uma espécie de estabilidade social⁴⁸.”

Podemos observar então que o poder da Igreja Católica era percebido em outras áreas o que confirma ainda mais a sua intensidade na sociedade, ou seja, a igreja teve um importante papel na construção das regras e normas das sociedades, inclusive da sociedade picoense como já relatamos anteriormente.

⁴⁵ DUARTE, 1995, p. 35.

⁴⁶ CASTELO BRANCO, 2005, p. 286

⁴⁷ ROCHA, Pedro Cesário da. *A musicalidade Picoense (1968/1983): (En) cantos das gerações*. Picos –PI. Universidade Federal do Piauí – Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros – Picos.

⁴⁸ ROCHA, Pedro Cesário da. 2011.p.17

A sociedade picoense, como se vê na fala de Pedro Rocha seguia as normas e regras da Igreja Católica que às vezes se sentiam pressionadas a cumprir, e na maioria dos casos essas normas e regras já estavam enraizadas nos indivíduos. Nesse sentido, Marina Luz em seu trabalho intitulado “*Entre Marias e Evas: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX*”⁴⁹, aborda ainda que “a Imprensa Católica utilizava das escrituras do livro sagrado para persuadir ainda mais as moças de família a se comportarem e seguirem as regras impostas, pois só assim conseguiriam um bom partido para se casar”⁵⁰.

A religião católica nas décadas de 1960 e 1970 era muito intensa em Picos, no que tange às mulheres, que deveriam frequentar a igreja acompanhada de seus pais ou na companhia de algum homem da família, e deveria fazer isso com frequência.

A Igreja era um local de sociabilidade da cidade de Picos-PI, para tanto, ela ocupava também o papel de fazer com que os jovens, sobretudo as moças, participassem também da vida em sociedade, em locais públicos

A juventude frequentava a Igreja Católica, cantava nos corais, participava das procissões e quermesses da festa de Nossa Senhora dos Remédios e de São Francisco, dos grupos de jovens, contudo a igreja era utilizada por parte desses jovens apenas como um refúgio para sair do espaço da casa e frequentar os locais públicos⁵¹.

Fica evidente na fala de Karla Oliveira, que a Igreja tornou-se uma maneira dos jovens, sobretudo das moças, saírem do espaço dos seus lares e participarem dos locais públicos, com a grande necessidade pela busca de ambientes públicos, como a praça, onde poderiam então encontrar com os amigos. Portanto, ela se torna um refúgio que os jovens encontraram para se libertarem da prisão do meio doméstico.

⁴⁹ Luz, Marina Priscila Lisboa Araújo. *Entre Marias e Evas: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX*. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

⁵⁰ Luz, Marina Priscila Lisboa Araújo. p. 50

⁵¹ OLIVEIRA, 2011, p. 36.

1.3 A Valorização dos Espaços Urbanos: lazer feminino em Picos

Picos mesmo se desenvolvendo economicamente era uma cidade com hábitos e costumes rurais, e que já se fazia presentes muitas formas de lazer para a sociedade picoense, sendo esta uma das características de outras cidades brasileiras.

Em várias cidades brasileiras estava ocorrendo a valorização dos espaços urbanos com as reformas das cidades, havia então a pretensão de dar um ar europeu ao lugares com a intenção de que a cidade melhor se adaptasse a receber pessoas da elite de outros locais, ou seja, era uma forma de padronizar os espaços públicos das cidades. Como é ressaltado por Pedro Vilarinho,

Uma das marcas principais das mudanças que estavam ocorrendo no Brasil, no início do século XX, era a valorização dos espaços urbanos. Uma prova dessa revitalização das cidades no Brasil são as reformas urbanas que foram feitas nas grandes cidades brasileiras [...] Elas objetivavam mudar a feição das cidades, dar a elas um ar europeizado e, por isso mesmo, civilizado e pronto a receber as pessoas da elite nos seus novos locais de sobrevivência social⁵².

Sendo assim, Renato Duarte nos faz entender melhor o que levou a essas mudanças em Picos, cidade cordial e tranquila, que diante disso foi perdendo alguns de seus hábitos e valores destruídos pelo que se dizia ser necessário; o progresso⁵³.

A valorização dos espaços urbanos era uma grande necessidade, sobretudo para os jovens que estavam sedentos de espaços capazes de suprir o grande desejo de busca pela diversão que os espaços de lazer poderiam lhes proporcionar. Possivelmente os jovens ao terem acesso através dos meios de comunicação sobre as diferentes formas de espaços de lazer sentiram a necessidade de consumirem esses espaços em Picos, que ainda não possuía, pois era novidade até então, como podemos observar, o rádio e a televisão contribuíram para que o jovens sentissem essa necessidade: “Muitos valores foram dinamitados pelo necessário progresso. O rádio e a televisão o doce remanso do sertão e

⁵² CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina na primeira república*. Teresina: Edição Bagaço, 2005b, p. 39.

⁵³ DUARTE, 1995, p. 13.

bombardearam intensamente o modo de pensar, de agir, de viver e de conviver das cidades nordestinas”.⁵⁴

Essas mudanças passaram a ser notadas, sobretudo em meio a juventude picoense, que estava em busca de uma nova forma de serem notados no meio social, com uma mudança nos modos de pensar e agir diante de uma sociedade que era carregada por um forte conservadorismo social, que se mostrava com maior visibilidade em relação à imagem feminina, como podemos reafirmar a partir da visão de Renato Duarte, abordada em seu livro de memória, que Picos era uma cidade muito ligada aos pensamentos tradicionalistas, que mesmo mostrando estar em crescimento, carregava ainda costumes, valores e práticas de uma época remota, e ainda afirma que esses rígidos valores morais presentes na década de 1950 eram voltados principalmente para as mulheres, como já ressaltamos anteriormente, e é reforçado na seguinte citação de Oliveira:

A juventude picoense, em 1960, estava remodelando suas formas de ser e estar no social, influenciada pela agitação social que circulavam o mundo, entretanto possuía muitos ranços no que se refere ao conservadorismo de valores morais, sobretudo ligados à figura feminina⁵⁵.

Com as novas construções e o acesso aos meios de comunicação percebe-se em 1960 em Picos um período de mudanças, sobretudo no modo de pensar e de agir, nos hábitos e costumes impostos até então.

Novos olhares começavam a ser dados, e agora as novas formas de lazer passaram a ocupar os espaços públicos das cidades, uma forma de valorização dos espaços presentes, não apenas nas grandes cidades do país, espalhando-se até mesmo pelas cidades pequenas como Picos, pois, não se apegar a esses novos costumes e hábitos do meio urbano seria o mesmo que ir contra o progresso e, conseqüentemente, continuar à viver no passado, em um atraso, possivelmente por isso criou-se em Picos espaços de lazer, no período correspondente as décadas de 1940 e 1950 foram registrados muitas construções, de acordo com Renato Duarte⁵⁶ já se fazia presente na cidade as periferias em

⁵⁴ DUARTE, 1995, p. 13

⁵⁵ OLIVEIRA, Karla Pinheiro de . A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960. Monografia Apresentada ao Curso de licenciatura plena em história, do Campus senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí. 2011, p. 21.

⁵⁶ DUARTE, 1995.

proximidades dos morros localizadas em áreas que ainda não havia o serviço de saneamento básico, pois o mesmo já existia em outros espaços da cidade, mesmo nos primeiros anos da década de 50, que foram afastadas para o morros, as novas construções foram de grande importância para Picos e seu desenvolvimento e conseqüentemente acarretaram mudanças no que se refere a vida rotineira das pessoas de uma cidade do interior.

Outras construções localizadas ao centro da cidade como a Praça Félix Pachêco, o prédio da Prefeitura Municipal, a agência do Banco do Brasil (a primeira agência bancária da cidade), o Instituto Monsenhor Hipólito, o Ginásio Estadual Picoense e o Hospital São Vicente de Paula foram algumas das construções que contribuíram para a modificação do cenário picoense seja em relação a urbanização ou ao pensamento social⁵⁷. Essa nova configuração que a cidade ia ganhando, permitiu que espaços de lazer fossem surgindo e/ou sendo ressignificados.

Podemos pensar em lazer como um momento em que as pessoas se afastam das suas ocupações do dia-a-dia, como trabalho, do cuidado do lar, para assim se integrar a outro meio que lhe faça ter um descanso dessas ocupações, algo que lhe traga um bem estar e diversão ao mesmo tempo.

No entanto, mesmo em meio a essa transformação uma sociedade tradicional como Picos ainda era pautada em valores morais e carregada de tradicionalismo, diante disso, podemos observar que as mulheres sofriam com os olhares atentos da sociedade e da igreja quando desejassem frequentar os espaços de lazer.

As mulheres eram submetidas a uma vida doméstica, vivendo em mundo privado, passam a ter a “possibilidade” de participar do meio público urbano, mas sempre com muitas ressalvas e seguindo várias exigências e regras que eram vigiadas pelo pai ou outro membro masculino da família, além da igreja, e em alguns casos, mesmo seguindo essas ordens a sua participação era negada para alguns dos espaços de sociabilidade presentes nas ruas, havia a grande preocupação das famílias em evitar que suas filhas tivessem muita liberdade.

Como foi relatado por Renato Duarte⁵⁸, as mulheres não podiam ficar até altas horas nas ruas, pois logo seria um motivo para ficarem faladas na sociedade, colocando em risco a sua reputação, podendo até mesmo se confundir com as mulheres de vida pública, e com isso manchassem a sua reputação e

⁵⁷ OLIVEIRA, 2011, p. 21.

⁵⁸ DUARTE, 1995, p. 34.

consequentemente manchassem também o nome da família. As normas e as regras regiam a participação das mulheres em alguns espaços públicos, além disso, alguns desses espaços públicos ganharam divisões em relação à classe social e de gênero como veremos posteriormente.

1.4 Diversão e Segregação: a Praça Félix Pacheco

A Praça Félix Pacheco, era o único jardim público da cidade, uma área de lazer e espaço de socialização que continha todos os elementos apropriados de uma praça, assim como: coreto, poço artesiano, tanques, arborização de portes diversos, canteiros, gramados e bancos.

O espaço da Praça Félix Pacheco, segundo Duarte⁵⁹, ocupava a tripla função, a de lazer, de centro comercial e de área residencial, era o principal lugar de passeios, de paqueras e namoros entre os jovens, e tinha seu formato triangular semelhante a atual, no entanto, hoje se encontra menor. Abaixo segue a imagem da praça Félix Pacheco na década de 1960, já com o abrigo no seu centro.

Imagem 02: Vista da Praça Félix Pacheco



Fonte: Varão (década de 1960).

⁵⁹ DUARTE, 1995, p. 31.

De acordo com Duarte⁶⁰, a praça Félix Pacheco era um local muito utilizado para eventos, assim como um espaço de lazer e diversão, principalmente para os jovens que depois da missa frequentavam a praça para encontros de amigos, como também, era um espaço utilizado para os flertes e namoros. Assim, a praça se constituía num espaço de lazer e socialização para a juventude picoense. Assim segundo Rodney Brito⁶¹:

Ali a Praça Felix Pacheco, ali era o espaço dos namorados andarem passeando de mãos dadas, de ficarem abraçados ali junto num banco de praça, abraçados, conversando. Eu lembro que quando eu era garotinho, eu ia à missa à noite do domingo, quando a gente terminava a missa vinha todo mundo pra praça Félix Pacheco, aquela praça ficava cheia de gente, os casais de namorados, tinha o abrigo no meio da praça, que era embaixo um espaço como um bar e em cima tinha um mesanino como um espaço dançante, entendeu, embaixo bar e sorveteria⁶².

Por meio da fala de Rodney Brito, compreendemos que a praça se constituía um local de encontro entre casais de namorados. Para tanto, podemos destacar que as famílias eram carregadas por uma forte preocupação com as moças irem sozinhas a esse espaço de lazer, pois para muitos pais de família a praça era um local vetado para o namoro. Assim, as moças deveriam ser sempre acompanhadas por alguma pessoa da família.

Duarte observa ainda que existia na época uma divisão de classes sociais em Picos, que podia ser notada nos próprios passeios da praça, existiam locais que separavam os ricos dos pobres, entendo, pois, que esse era um comportamento ainda aceito e pouco questionado pelas pessoas da época. Nesse sentido, o autor faz o seguinte exposto:

A formação triangular do passeio público e as formas de ocupação do casario em torno favoreceram a criação de uma interessante divisão de usos e funções da área, à noite. Na verdade, essa divisão era não somente se usos e funções, mas também de classes sociais, o que, por si só já seria tema de interesse sociológico, ademais da revelação que faz de valores comportamentos da época⁶³.

⁶⁰ DUARTE, 1995.

⁶¹ BRITO José Rodney Leal. Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa. Picos, 2017

⁶² BRITO José Rodney Leal. Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa. Picos, 2017

⁶³ DUARTE, 1995, p. 32.

Oneide Rocha⁶⁴ em entrevista concedida à Francisco Rodrigues⁶⁵, aborda que de um lado da praça Félix Pachêco ficavam as pessoas da alta sociedade picoense e de outro lado as pessoas que faziam parte das camadas pobres da cidade:

Tinha um passeio naquele lado onde é hoje a Loja *A Preferida* e o *Banco do Brasil*, era o passeio da sociedade da classe média alta. Do lado alí do paredão era o passeio das pessoas mais pobres, realmente eu não alcancei muito essa divisão muito clara, mas eu ouvi falar que era assim, uma não vinha para o lado da outra, era muito forte esse preconceito, essa divisão do passeio da Praça⁶⁶.

Diante disso, podemos entender que essa divisão social que estava atrelada ao espaço de lazer se fazia uma característica muito forte no período em estudo. Compreendo ainda que, além das mulheres pobres terem seus papéis sociais negados pelos os homens, eram também excluídas pelas mulheres de classe social ditas superior, carregadas pelo forte preconceito de divisões de classes.

Dionísia Gonçalves⁶⁷, através de sua memória nos possibilita compreender como aconteciam esses passeios de forma detalhada, dos espaços que as moças ricas e pobres circulavam na praça. Diante disso, fica evidente na fala da entrevistada que o lado ocupado por ela era o lado das moças pobres, mostrando-se atônita a aquela separação. Como também fica notório a forte admiração e o sentimento de inferioridade da entrevistada diante das moças de melhor condição social:

Esse lado de cá, do Banco do Brasil era mais das mais rica, cansei de ver, eu ficava assim admirada né de olhar a divisão a separação né, porque as moça rica tudo eram bem mais bem vestida, tudo era mais bonita, e nós era mais pobre ficava lá por detrás, lá por aquelas calçadas da rua Coelho Rodrigues , que vem da avenida quando dobra, nós só pegava dalí donde dobra pra sair na coelho Rodrigues, na mesma calçada da praça. Da Coelho Rodrigues que fica ali naquele paredão que é o cinema, pois é, o passeio de nós era ali, naquela calçada ali, e os das ricas era lá de frente ao Banco do Brasil, pra lá e pra cá, elas ia do lado pro outro né, quando elas chegava lá na ponta de lá elas “drobava”⁶⁸ e tornava volta na mesma calçada, quando chegava bem na ponta de cá , elas “drobava” de novo, tudo “embarraciada” de que nós era mais pobre, e era muitas

⁶⁴ ONEIDE ROCHA, 2012.

⁶⁵ IBIAPINO, Francisco Rodrigues. *Tá vendo aquele edifício moço? Ajudei a levantar!* memórias da edificação da Catedral Nossa Senhora dos Remédios. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos–PI.

⁶⁶ ONEIDE ROCHA, 2012. Em entrevista concedida à Francisco Rodrigues Ibiapino.

⁶⁷ GONÇALVES, Dionísia Conceição . *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

⁶⁸ Esse era o modo que a entrevistada falava, vai ser muito observado isso no decorrer do trabalho.

nesse tempo tinha muitas mocinhas que ia passear de noite na praça. E lá do lado das ricas nós não ia, lá era dela, nós ficava mais por o outro lado⁶⁹.

Fica evidente a grande separação existente no período entre mulheres de classe média e alta das pobres no espaço da Praça Felix Pacheco. Diante dos olhares de preconceito e discriminação que terminam por excluir as moças pobres do meio de sociabilidade. Assim, as moças pobres não poderiam ousar em passar para o lado das moças ricas. “Ah, isso aí se passasse pro lado de lá já dava confusão”⁷⁰. E eram expulsas para o lugar a qual pertenciam, e isso acontecia com grande conformação e aceitação pela maioria das moças de segmentos mais pobres da sociedade, que se sentiam inferiores às outras por não terem condições de vestir-se com roupas novas e da moda e andarem bem arrumadas como as moças da elite picoense. Como relata Oneide Rocha:

Eu não presenciei, deve ter sido um período, que eu nasci em quarenta e sete, mas nessa década de quarenta eu soube que muitas empregadas domésticas, muitas meninas pobres, que ousaram vir passear do lado dos ricos foram expulsas, voltaram para o lugar delas na época. Então era muita discriminação, e parece que havia uma certa conformação. Não, aqui é do lado da gente e aqui é do lado, agora, eu digo que parece porque tinha gente que ia pro outro lado, não era aceita, voltava⁷¹.

Na memória da entrevistada acima, podemos desconstruir a ideia de conformação, pois como vimos, haviam as que desafiavam os ditames sociais e passeavam do lado oposto, mesmo correndo o risco de sofrerem discriminação, essa atitude corrobora para questionarmos uma homogeneização nos pensamentos e posicionamentos das moças de um mesmo grupo social, pois nem todas aceitavam de bom grado serem excluídas de um espaço de lazer.

É observado ainda o grande desejo de algumas mulheres pobres de também poder usar as roupas e sapatos que as moças ricas poderiam usar. Segundo a depoente Dionísia Gonçalves:

Ficava com vontade né, eu via elas bem arrumada. E digo elas é porque pode eu num posso, com um sapatão bonito, roupa bonita né, mas eu era mais pobre como era que eu ia ter? num tinha, eu num

⁶⁹ GONÇALVES, 2016.

⁷⁰ SOUSA. Luísa Amélia Irineu de. Depoimento concedido a Danyele Leal Feitosa. Picos, 2016.

⁷¹ ROCHA. Em entrevista concedida Danyele Leal Feitosa. Picos, 2016.

tinha aquele asseio que elas tinha, não tinha, mais eu tinha vontade, quando eu via elas passeando, era muitas, ai como era muitas, hoje você não vê mais uma praça com moça andando, não tem mais, num tem mais não, mais era muito bonito no tempo que eu andei muito nas praça, as moça rica tudo passeando pra riba e pra baixo, ia e subia eu ficava assim admirada, eu 'ah se eu tivesse um sapato daquele', ficava com desejo mas, era tudo passageiro, porque eu não tinha condição de comprar, mas aconteceu muitas vez você ter vontade, desejo de ter aquilo e num tinha, que a divisão que tinha porque a gente via que elas eram mais “assiadas” que nós, num era na limpeza, é nas roupa, no sapato , era diferente, um pobre não tinha um sapato daqueles, num tinha não, tinha um chinelinho de dedo e olhe lá⁷².

Segundo Duarte⁷³, a preferência dos jovens “de família”⁷⁴ por aquela área da praça dava-se à melhor iluminação existente no local, por ser próximo aos bares e os cinemas, e conseqüentemente pela maior movimentação de pessoas presente nessa área, um lugar propício para a realização dos desfiles das moças, uma forma tanto de exibirem seus modelitos, como de atrair os olhares dos rapazes. Já os casais de namorados de menor condição financeira frequentavam outro local da praça, com pouca iluminação e de pouca movimentação de pessoas, dando a esses casais maior liberdade que os das camadas altas da sociedade.

Em relação ao namoro das meninas da classe média ocorridos na praça acontecia em uma espécie de ritual, com várias etapas até se chegar ao namoro de fato. De acordo com Duarte⁷⁵, esse era um motivo para os pais das moças ficarem preocupados em relação às moças frequentarem essa parte da praça, pois, guiados por valores morais de honra e castidade, acreditavam que aquele local seria impróprio para o namoro das suas filhas, por ser um espaço reservado e com pouca iluminação que poderia comprometer a reputação das moças, e assim, torna-las “mal faladas”.

Além disso, podemos observar também que esse espaço da praça que era destinado aos casais de namorados pobres não poderia ser o mesmo para os de classe média e alta, pois não era aceitável que pessoas de distintas camadas sociais frequentassem os mesmo lugares.

⁷² GONÇALVES, Dionísia Conceição . *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

⁷³ DUARTE, 1995.

⁷⁴ É necessário dizer que esse termo é carregando de preconceitos, por considerar “de família” apenas os jovens de segmentos sociais mais abastados.

⁷⁵ DUARTE, 1995.

Mesmo sendo de camadas sociais diferentes as moças pobres e as ricas estavam imersas nos mesmos padrões de valores morais. Contudo, a cobrança e vigilância em relação à vida das jovens ricas parecia ser bem maior, por estar ligado às questões de honra e status social e o cuidado para que essas moças tivessem um bom casamento. Havia uma preocupação da sociedade em relação ao namoro na praça, o entorno da praça, nas calçadas das residências, bares e lanchonetes a vigilância incidia sobre os corpos dos enamorados.

1.5 Rio Guaribas

O Rio Guaribas foi considerado como sendo uma fonte de vida da população picoense. Em uma época que suas águas ainda era perenes e pouco poluídas, a população fazia de seu uso para diversos fins necessários para a sobrevivência como lavar roupas, abastecimento de água para os moradores, irrigação dos plantios e claro, para o lazer da população, através da pesca e dos banhos.

O rio Guaribas foi de grande relevância para a economia da cidade, pois era utilizado para regar o plantio de alimentos feitos em seu leito, tanto para o consumo das famílias como para a comercialização no comércio da cidade. Podia se plantar nas suas vazantes desde arroz, batata, cheiro verde, cebola, cebolinha e alho, a produção de alho durante muitos anos deu a cidade o título de maior produtor nacional.

Segundo Francisco José da Silva, o rio Guaribas se faz de grande relevância para a cidade de Picos, fortemente baseada na agricultura, podendo-se levar em consideração aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais e educacionais. E assim, torna-se visível a importância do Rio Guaribas para a produção do alho na região, ainda de acordo com Francisco José da Silva⁷⁶:

Desde a década de 1950 a agricultura era uma das principais atividades econômicas da cidade de Picos Piauí, por esta apresentar um território propício para o desenvolvimento dessa atividade. As plantações eram desenvolvidas nas vazantes do Rio Guaribas, sendo neste período o rio perene, o que possibilitava a prática agrícola durante o tempo de seca na região. A plantação destas

⁷⁶ SILVA, Francisco José da. A importância da Produção e Comercialização do Alho na cidade de Picos/Piauí (1950-1981). Monografia (Licenciatura Plena em História), UFPI, 2012.

culturas era realizada no período da estiagem, pois o período chuvoso era impróprio para o plantio, devido às enchentes devastarem as plantações existentes nas proximidades. Além de sua importância econômica, a cultura do alho abria postos no mercado de trabalho, por causa do seu plantio em grande quantidade e no seu manejo para a comercialização, envolvendo os setores de produção e distribuição⁷⁷.

Existia outra atividade econômica que dependia do rio, a lavagem de roupas. As lavadeiras, como eram conhecidas as mulheres pobres que dependiam dessa atividade para sobreviver, lavavam roupa para outras famílias para complementarem a renda ou até mesmo arcar com toda a despesa da casa, essa era vista para muitos como uma atividade poluidora para as águas do rio Guaribas. Geralmente, as lavadeiras distribuíam-se em grupos em busca de locais adequados para a lavagem, e, além do leito do rio ser um local de trabalho também era um local de sociabilidade entre as mulheres e os paqueras, pois esse momento era oportuno para os encontros, trocas de olhares e às vezes conversas, diante disso, até mesmo nesses locais as moças pobres sofriam com os olhares atentos de algum homem da família que sempre as acompanhava.

Considerado também como uma opção de lazer da população picoense, o rio Guaribas era sempre visitado para banhos de jovens e crianças, que iam até o rio não apenas para tomar banho, como também para a prática da pesca. Durante o verão os banhos no rio ajudavam a amenizar as altas temperaturas. Relatos abordam que os casais menos tradicionais que se mostravam mais liberais, durante as noites se encontravam em bancos de areia para namorar⁷⁸.

Duarte ainda relata que os locais de banho de homens e mulheres eram separados. Existiam os poços dos homens e os poços das mulheres, onde limites e privacidade eram rigorosamente respeitados. Os poços dos homens eram os trechos do rio de maior profundidade, enquanto os das mulheres não eram poços propriamente, mas sim trechos dos rios de grande privacidade.

Portanto podemos percebermos que a vida da população picoense da época estava basicamente de uma forma ou de outra ligada ao rio Guaribas, um grande mediador das plantações, que seriam tanto para o consumo próprio, quanto para a comercialização dos produtos produzidos nas vazantes do rio, e como forma de lazer da população da época.

⁷⁷ Idem, p. 14.

⁷⁸ DUARTE, 1995.

O rio Guaribas, com suas águas transparentes, era o grande contribuidor para a fertilidade do solo picoense e constituía, juntamente com os olhos d'água, a fonte principal de água potável para a população. Além da importante atividade econômica exercida em seu leito, o rio Guaribas ainda se apresentava como um espaço de lazer e sociabilidade nos anos de 1940 e 1950, visto que todos os dias, crianças e jovens saíam de suas casas para tomar banho e pescar no Guaribas⁷⁹.

Nesse sentido que podemos observar que tamanha era a sua importância para diversas atividades exercidas em Picos no período. Não obstante, se torna pertinente relatar que o mesmo rio hoje se encontra em péssimo estado de preservação com suas águas escassas e poluídas.

1.6 “E foi na Feira que eu Encontrei Ele”: a Feira Livre na cidade de Picos

A feira livre, além de ser um local de venda de mercadorias onde os agricultores de subsistência vendiam seus poucos produtos agrícolas para assim adquirirem outras mercadorias e complementarem os seus precários padrões de sobrevivência, era um local de socialização entre os moradores da “rua e os do mato”⁸⁰, um local de encontro entre o campo e a cidade.

A feira constitui-se como um espaço de lazer, como também uma local de interação e construção de uma cultura, entre indivíduos que se comunicam mediante esse meio social de interação entre vendedores e consumidores que por meio da necessidade daquele que compra e de quem vende os seus produtos.

Assim, de acordo com Elieny Carvalho⁸¹ percebemos que por meio dessa atividade pode ser notada uma construção social e cultural daqueles que a rodeia.

Por todas as suas características, a feira pode ser percebida como um espaço, de percepções, sentidos e interações, no qual redes de educação, sociabilidades e culturas são tecidas, diariamente, por feirantes e fregueses, sujeitos sociais que se constroem trocando

⁷⁹ OLIVEIRA, 2011, p. 21.

⁸⁰ Duarte (esclarece que eram chamadas de matutos aquelas pessoas que moravam no mato, ou seja, no campo, em contraste com os habitantes da cidade, ditos da rua, ou praciantes quanto se deslocavam até a cidade diziam que estavam indo para a rua. DUARTE, 1995, p. 62.

⁸¹ CARVALHO Elieny Veloso de. A feira livre de Picos –Piauí. 2013. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013, p. 26.

produtos, saberes, fazeres, estratégias de comprar e vender por melhor preço, risos, jocosidades⁸².

Ainda de acordo com Elieny Carvalho Picos teve a sua primeira feira organizada em 1845, localizada na Rua do Foguete (atual Coelho Rodrigues). Nessa feira eram comercializados animais de carga, como burros e jumentos, e produtos como arroz, feijão e milho. A venda de mercadorias era realizada somente aos sábados, mas hoje o seu funcionamento se faz de segunda à sábado. A feira, foi transferida para a atual Rua Coronel Luís Santos, mantendo suas características originais, as exposições dos produtos eram realizadas em baixo das sombras de árvores, como juazeiros e umbu para proteger-se do sol, pois nesse período ainda não faziam uso de barracas.

Em 1961, a feira teve que ser transferida para a Praça Félix Pacheco, devido às grandes cheias do Rio Guaribas ocorridas na época, que alagaram todo o local da feira. Atualmente, está sendo construído um mercado municipal que a Prefeitura tem o intuito de transferir os feirantes para esse espaço, localizado no Bairro Boa Sorte, um pouco afastado do centro da cidade. Segue abaixo a sua imagem na década de 1960.

⁸² CARVALHO Elieny Veloso de. A feira livre de Picos –Piauí. 2013. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013. Orientador (A): Prof^a. Dr. Johny Santana. p. 26.

Imagem 03: Feira de Picos-Piauí na década de 1960



Fonte: Museu Ozildo Albano

A Feira Livre de Picos na década de 1950 se comparada com a de hoje era pequena e, tinha pouca variedade de produtos, mas mesmo nesse período já era considerada uma das maiores do interior do Nordeste.

Hoje em dia, podemos observar as inúmeras barracas existentes, e como também uma mudança no que corresponde a sua clientela, que hoje se faz variada, atendendo desde todos os segmentos sociais, pela sua grande variedade em confecções e produtos agrícolas.

A Feira Livre de Picos teve grande contribuição para a economia local, pois era o principal meio de renda de muitas famílias e, ao mesmo tempo gerou empregos mediante à grande necessidade referente ao aumento de sua clientela que se constituía não apenas de pessoas do município como também de cidades próximas, além disso, é visível a sua contribuição cultural e social, pois este se fez um espaço de trocas de vivências e experiências.

E nesse sentido se faz interessante abordarmos a experiência da depoente Dionísia Gonçalves, após ter conhecido na feira seu marido, passou a trabalhar com

ele nesse espaço onde carrega ainda hoje as boas lembranças que vivera nesse local.

la como empregadas fazer compras e flertava. A feira livre, também era um local propício aos flertes. Muitas às vezes as moças pobres iam fazer as feiras para suas casas, ou mesmo, para as casas de suas patroas, e nessas idas tiravam um tempo para flertar com os rapazes. Esse é o caso de Dona Dionísia Gonçalves, que conheceu seu marido na feira livre de Picos, que embora fosse da mesma cidade que ele, nunca havia visto, mas que na feira, onde ele vendia rapaduras aconteceu o encontro e o surgimento do relacionamento dos dois:

Eu conheci ele aqui mesmo em Picos, ele é do Ipiranga e eu também mas nós não se conheciamos lá, nós se conhecemos aqui, foi aqui em Picos que nós se conhecemos. Eu encontrei ele uma vez em Oeiras que eu fui lá, mas eu num conversei nada com ele, nós só se vimos lá, aí parece que ficou com aquela “seguera” né, aí ele sabia que eu morava aqui em Picos aí nós se “encontremo” aqui, na feira mesmo, naquele pátio da igreja grande aí, na Matriz, foi bem naquele pátio. Aí nós se conhecemo e começou, nasceu a união. E foi na feira mesmo que encontrei ele porque ele já vendia rapadura⁸³.

Como vimos na fala da entrevistada, a feira livre se caracteriza não apenas como um centro comercial, mas também como um importante espaço de socialização entre as pessoas inseridas aquele meio. É nesse sentido que Elieny Carvalho ressalta “a importância da feira livre vai além da economia, ou seja, além da subsistência que elas geram, as feiras contribuem para a formação cultural e social de todas as sociedades, já que estes podem ser considerados espaços de trocas de experiências e vivências humanas”⁸⁴. Assim, observa-se a importância desse espaço de comercialização, que se transforma em um espaço de lazer para as pessoas que participam desse local.

⁸³ GONÇALVES, Dionísia da Conceição . *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

⁸⁴ Carvalho, Elieny Veloso de. *A Feira livre de Picos Piauí* . – 2013. Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013, p. 16.

1.7 O Cine Spark

“Splish splash
Fez o beijo que eu dei
Nela dentro do cinema”

(Roberto Carlos)

Outro espaço de lazer presente na cidade de Picos foi o Cinema, inaugurado no ano de 1964, o Cine Spark ficava localizado em frente à praça Felix Pacheco, constituindo como um local de diversão para os moradores da cidade de Picos. Entretanto, esse local de sociabilidade fosse pouco frequentado pelos sujeitos pobres, pois teriam que pagar para entrar e muitas não tinham condição financeira para frequentá-lo. Segundo Brito⁸⁵, o cinema era aberto ao público, quem tivesse dinheiro comprava o ingresso e entrava, mas num era, o fato de ser pago e o ingresso não ser por preços tão módicos, entendeu. Limitava um pouco a entrada das pessoas de baixa renda. Sendo assim, ao perguntar a Dionísia Gonçalves se tivera acesso ao cinema e se frequentava sempre, logo a mesma observa que:

Não num ia muito tempo, num ia muitas vez não, era difícil, nera sempre que a gente ia não, porque tinha que pagar, era pago, a gente num podia ir sempre não. Era alguma vez que a gente ia , nera sempre que ia não, era muito difícil, porque nesse tempo num tinha televisão, num tinha não, hoje a gente já vê muita coisa porque já tem televisão. De primeiro o cinema era pago, era caro , minha mãe num podia deixar toda semana a gente ir não, era uma vez na vida.⁸⁶

Todos os dias da semana eram exibidos filmes a partir das 19h e nos domingos, era realizada duas sessões, uma pela manhã e outra à tarde. De acordo com informações contidas em Karla Oliveira⁸⁷, muitas vezes as filas para assistirem determinados filmes eram extensas, passando a chegar ao outro lado da rua, até a praça Félix Pachêco. Todos os dias pela tarde passava um carro de propaganda anunciando o nome do filme que seria exibido à noite.

⁸⁵ BRITO, 2016.

⁸⁶ GONÇALVES, 2016.

⁸⁷ KARLA Oliveira, 2011.

Esse se constituía um local de encontro entre moças e rapazes que se reuniam para assistirem a lançamentos de filmes e, também, aos shows de calouros que faziam grande sucesso entre os jovens daquela época, e assim, foram descobertos muitos talentos locais por meio destes eventos⁸⁸.

Segue abaixo a imagem do Cine Spark na década de 1960.

Imagem 04: *Cine Spark* na década de 1960



Fonte: Museu Ozildo Albano.

É interessante percebermos que mesmo Picos sendo uma cidade pouco desenvolvida, se faz surpreendente que nos primeiros anos da década de 60, ainda com poucos moradores, já tenha em seu meio cultural o cinema como forma de lazer e diversão da população.

Não deixando de frisar que a existência do cinema na cidade de Picos foi evidenciada não apenas com um, mais por vários cinemas presentes na cidade, como o *Cine Guarany*, *Cine Odeon*, *Cine Ideal*, *Cine Spark* e *Cine Jordania*⁸⁹, embora em períodos diferentes, contribuindo para esse meio artístico cultural. Entretanto o mais lembrado foi o *Cine Spark*, que mais se destacou pela

⁸⁸ Ver mais sobre o assunto em Oliveira, 2011.

⁸⁹ BEZERRA Layrton Borges. Sob o signo da ilusão: as várias formas de representação do Cine Spark na cidade de Picos-PI, de 1964 a 1984. Monografia (Licenciatura Plena em História) Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

grande diversidade de filmes inéditos exibidos, como também dos seus shows de calouros que eram realizados nesse espaço.

De acordo com Layrton Bezerra, essa diversão não era acessível à todos os seus moradores. Mediante isso, podemos observar que a camada pobre da população não tinha condições financeiras para usufruir dessa forma de lazer. Aqueles que não tinham condição de pagar o ingresso ficavam de fora tentando ouvir ou ver alguma coisa do filme quando as cortinas do cinema eram movimentadas, os mesmo ficavam apenas com o seu imaginário, como podemos perceber na fala de Barros:

[...] como eu não tinha condição de pagar a, a... entrada, [...], eu e outro grupo de pessoas a gente assistia, saia de casa quase toda noite, né? Vestia aquela melhor roupinha, né? E eu vou pro cinema, né? Só que a gente não entrava, a gente assistia o filme da calçada, daquele paredão [...].⁹⁰

O mesmo acrescenta ainda que:

E a gente sentava ali e tudo e vez por outra quando alguém que tava entrando atrasado, movimentava assim a cortina, a gente via alguma imagem na tela, sabe? E aquilo era assim um lance muito importante que a gente gravava, né?⁹¹

Fica evidente, na fala de Barros, a vontade dos jovens em assistir aos filmes, que era uma forma de diversão muito desejada pela juventude picoense de camada social pobre, detentora de poucos recursos financeiros para pagar a entrada do cinema.

No entanto podemos mencionar que muitos jovens movidos pelo grande desejo de se fazerem presentes àquele meio de diversão, de lazer e mesmo de aprendizado, buscavam outros meios para conseguir recursos e comprarem suas entradas, pois nesse período, as famílias com muitos filhos nem sempre tinha dinheiro suficiente para pagar a entrada de todos cotidianamente, como podemos observar na fala abaixo.

⁹⁰ BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012. BEZERRA Layrton Borges. Sob o signo da ilusão: as várias formas de representação do Cine Spark na cidade de Picos-PI, de 1964 a 1984. Monografia (Licenciatura Plena em História) Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013, p. 43.

⁹¹ Idem, 2013, p. 43.

Assim, às vezes a dificuldade era um pouco financeira, porque num dava pra todos os filhos, sete filhos ir pro cinema, não é assim, não pode ir filme todo dia não, vamos deixar pra os filmes fim de semana ou então quando passar uma fita, um filme bom que vocês queiram ir, mas não pode tá em cinema todo dia não, porque é caro, e gasta e vocês são muitos⁹².

Na fala de Rocha, ao evidenciar o que seu pai argumentava sobre a frequência dos filhos ao cinema todos os dias considerando o número elevado de filhos, percebemos as dificuldades enfrentadas pelas famílias picoenses na tentativa de proporcionar à seus filhos a frequente participação nesse espaço de lazer, diversão, e sociabilidade, como o cinema *Cine Spark* que, embora o ingresso não fosse tão caro mas se tornava inviável pelo elevado número de filhos que as famílias tinham na época.

Além da dificuldade financeira enfrentada pelas famílias pobres as moças enfrentavam mais algumas dificuldades por ser um local privado e escuro as moças só poderiam adentrar nas salas de exibição do cinema acompanhadas pelo irmão ou pai, como uma forma de resguardar a moral da mulher, seja ela pobre ou rica.

Embora seja percebida a presença das mulheres no *Cine Spark*, as famílias tinham certo cuidado no que se refere a essa participação feminina no cinema, pois além de se tratar de um local com pouca iluminação, tornando-se bastante propício para namoros escondidos, os próprios filmes poderiam aguçar o imaginário e, conseqüentemente desviar o comportamental moral feminino. Nesse sentido, o jornal *O Dominical* dá seu parecer:

Indiscutivelmente o cinema tem sido o maior fator de degração moral dos nossos tempos. A insensibilidade com que os chamados cineastas apresentam fatos e cenas imorais nas películas, expostas, depois, a todo mundo, sem a maior consideração pela idade, pela educação, pelas reações íntimas vai provocando uma sequênciade desgraças em todos os sentidos⁹³.

Como é exposto, o periódico semanal tem como intenção de apontar o cinema como um mal que estava expondo seus males em todo mundo, responsável pela degeneração moral que se fazia presentes no decorrer dos tempos. Entendo, pois como uma forma da Igreja Católica de tentar manter o poder sobre as pessoas

⁹² ROCHA, Oneide Fialho. Entrevista concedida a Layrton Borges Bezerra.

⁹³ O Cinema, êsse putrefator. *O Dominical*.. Página Uemeceísta. Teresina, ano XXIV, 31 de julho de 1960, p. 3.

da época, e o cinema mostrava-se uma ferramenta de informação, como também de educação, que causava tanto medo da Igreja de perder o seu forte poder sobre as pessoas, principalmente as mulheres.

1.8 Picoense Clube

O *Picoense Clube*, localizado desde a década de 1960 na Rua Monsenhor Hipólito, era considerado como o principal local de lazer da classe média e alta da sociedade picoense. Nele eram realizadas festas como as tertúlias e as festas de carnaval, que eram festas fechadas. Era um espaço de lazer privado, onde só poderia frequentar os sócios e mesmo aqueles que pudessem pagar. Como aponta Brito:

O Picoense Clube, era um club social fechado, entendeu? só para seus sócios. Existia a AABB, que era uma associação classista, que eram dos funcionários do Banco do Brasil que tinha muitas festas, entendeu. Eram festas reservadas para seus sócios e convidados. Existia também outro que surgiu já no final da década de setenta . Samambaia Campestre Club, aqui no bairro Samambaia, era também uma sociedade civil fechada para seus sócios e seus convidados, entendeu. E eram espaços saudáveis, ambientes bons de se dançar com bandas contratadas de fora, ou até com algumas bandas que na época surgiram por aqui⁹⁴.

Existia também na década de 1960 a *Associação Atlética Banco do Brasil*, fundada com o objetivo de proporcionar um ambiente de lazer para os funcionários do Banco do Brasil, um local frequentado não apenas pelos jovens, mas por toda a família.

Então, havia uma seletividade, as festas no Picoense Clube, eram reservadas, então não era todo povo que tinha acesso, chegar lá e comprar um ingresso e entrar, porque as festas eram para seus sócios e seus convidados, entendeu. Mas os sócios ou os convidados pagavam o seu ingresso para entrar.⁹⁵

Era comum que os rapazes pobres ficassem do lado de fora nos dias de festas para admirar a beleza das moças ricas. No entanto, existia um espaço destinado para os jovens de baixa renda, chamado de *Círculo Operário*, destinado à

⁹⁴ BRITO, José Rodney Leal, 2017. Depoimento concedido a Danyele Leal Feitosa. Picos, 2017.

⁹⁵ Idem, 2017.

classe baixa, essa ala destinada aos jovens da camada pobre era um espaço que o custo da entrada era mais barato.

As festas dos jovens mais pobres eram realizadas em áreas afastadas do centro da cidade, nos bairros de periferia ou mesmo nos interiores, essas festas duravam a noite toda, porém as mulheres só poderiam ir e permanecer nessas festas acompanhadas da sua família ou algum vizinho em quem seus pais confiassem.

As moças mais pobres, nem sempre iam a festas, mesmo sendo uma diversão que elas gostavam, as mesmas teriam que obedecer aos seus pais. E, portanto, existia um cuidado do país sobre as moças pobres em frequentarem esses locais de diversão, como por exemplo, horário para ir e voltar, diante da preocupação de suas filhas fazerem coisas tidas como erradas. Como aborda Dionísia Gonçalves:

Eu gostava de ir festa, mas minha mãe num gostava de deixar não. Eu nem lembro se eu ia assim festa que minha mãe não gostava de deixar a gente ir pra festa. Meu pai dizia que num ia, num ia mesmo. E aqui nesse lugar aqui que era mais difícil, que minha mãe não queria deixar a gente ir pra festa porque já era um lugar maior que no Ipiranga. No Ipiranga ela ainda deixava de vez em quando, deixava alguma vez, mas depois que eu vim pra cá, num deixou, num deixava mais não, ela tinha medo de fazer o que num presta, e é porque as festa de de primeiro era cedo, era cedo, dez e meia, onze horas a gente já tava em casa. Hoje as moça sai onze horas pra ir pras festa né, pois é, diferente muito, era muito diferente⁹⁶.

Conforme observamos na fala da depoente, percebemos que a autoridade do pai dentro de casa era maior que a da mãe, e que sua autoridade era inquestionável, tendo que ser obedecida. Percebemos ainda que seus pais não deixavam frequentar festas em Picos, mas que em sua cidade natal, Ipiranga, as vezes era permitido, pelo simples fato de ser uma cidade menor que Picos, as pessoas se conheciam mais, então as meninas poderiam ir para as festas, pois sempre tinha algum conhecido observando, vigiando as moças mesmo sem ser a pedido dos pais, por isso, havia um confiança maior em deixar as moças irem as festas.

⁹⁶ GONÇALVES, 2016.

1.9 A Zona do Baixo Meretrício: os Cabarés

Esses também eram locais destinados ao lazer da juventude de Picos, localizados nas ruas São Pedro e São Vicente. No entanto, eram espaços apenas frequentados pelo público masculino, de diferentes classes sociais. Faz-se importante frisar que na maioria dos casos esses locais funcionavam por meio da participação das mulheres pobres, que buscavam esse meio como forma de sobrevivência, utilizando o seus próprios corpos como um instrumento de trabalho.

Nesses espaços, os jovens rapazes poderiam tanto encontrar amigos para conversar, beber até altas horas da noite, como também para divertir-se com as mulheres do meretrício. Logo depois das 21h, quando o sino da igreja tocava, as jovens moças de família seguiam para suas casas e, os rapazes desciam para o baixo meretrício: “Quando a praça começava a se esvaziar a partir das 21 horas, iniciava-se a descida, pois descer era o verbo como sinônimo de “ir lá para baixo, ou seja, de ir para o baixo meretrício”⁹⁷.

Essa forma de lazer e socializabilidade era muito frequente nas cidades do interior. Em Picos, torna-se uma verdadeira atividade econômica. Os homens da cidade frequentavam esse espaço com a aceitação de boa parte da sociedade, pois para muitos o homem teria mesmo que participar desse meio, como forma de mostrar sua masculinidade, os rapazes solteiros frequentavam os cabarés, “ah fulano é machão, gosta de andar no... mas as mulheres não podem andar em ambientes livres assim”⁹⁸.

A presença masculina não era aceita pelas as “mulheres de família” defensoras dos padrões vigentes, instituídos pela Igreja Católica, sentindo-se incomodadas em saber que seus maridos e mesmo pretendentes mantinham relações com mulheres do baixo meretrício. Para ambos, esses locais, o próprio ato de prostituir-se estaria indo contra o modelo ideal de família, dando a ideia de liberdade, descompromisso, indo contra o ideal de procriação dentro do matrimônio.

Ao passo em que a prostituta utilizava o seu corpo como instrumento de trabalho, ela passava também a ser vista como uma ameaça a uma parcela significativa da sociedade, em especial, por parte das “mulheres ditas de família” bem como por instituições religiosas, como a Igreja Católica, como uma deformadora do papel feminino,

⁹⁷ DUARTE, 1995, p. 65.

⁹⁸ BRITO, 2017. Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa. Picos, 2017.

ao qual deveria estar destinado ao casamento, ser a rainha do lar e ter seu corpo destinado à maternidade⁹⁹.

A maioria das prostitutas eram mulheres pobres¹⁰⁰ que se entregaram a algum pretendente antes do casamento, perdendo a virgindade e junto com ela, a sua honra dentro da sociedade picoense, pois, de acordo com Sueann Caulfield “um hímen rompido levava à corrupção moral”¹⁰¹. Sendo expulsas de seus lares, como dificilmente não encontravam locais de respeito para trabalharem eram empurradas para a prostituição, o único meio que conseguiam para sobreviver. As moças ao entrarem nesse meio eram excluídas da sociedade e qualquer outra mulher que estivesse na sua companhia era considerada uma mulher sem honra, sem valor.

Portanto, podemos perceber com o que foi exposto até então que a cidade de Picos nos referidos períodos abarcava muitas opções de lazer, mesmo que sendo uma cidade do interior do Piauí, a mesma manifestava no período algumas formas de diversão e sociabilidade para os seus moradores, muito embora de forma excludente, onde podemos notar uma separação de uma mesma sociedade, dividida por camadas sociais.

É importante salientar que eram poucos os espaços de lazer das mulheres pobres, que eram inferiorizadas por suas condições financeiras. Para tanto, se faz interessante frisar o início de mudanças mediante o modo de agir e pensar de uma sociedade que carregava um forte conservadorismo sobre as mulheres, que começam a enxergar outros modos de viver no meio social. Assim, muitas mulheres saíram de seus lares passando a transitar fora dos espaços domésticos, em busca de um trabalho que fosse capaz de prover seu sustento e, mesmo das suas famílias. Sendo assim, as mulheres pobres passam a assumir profissões, muito embora ligadas aos afazeres domésticos.

⁹⁹ PINHEIRO, Marília Alves. *Memórias do meretrício: discursos e sociabilidades da prostituição picoense nas décadas de 1950 e 1960*. 2012. 60f. Monografia (Licenciatura em História) – UFPI, Teresina, Picos, 2012.

¹⁰⁰ A prostituição de mulheres de família rica não é muito relatada, pois na maioria dos casos quando essas moças eram desonradas os pais arranjavam casamento para repararem a desonra, para isso ofertavam valorosos dotes. Outra possibilidade era enviar às moças defloradas para viver com parentes em outra cidade, pois assim, não seria lembrada na sua cidade e assim fugiria do julgo da sociedade em que vivia.

¹⁰¹ CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

CAPÍTULO II: O LABOR: OS TRABALHOS EXERCIDOS PELAS MULHERES POBRES

Entendemos que “se já é difícil encontrar histórias das mulheres, eternas prisioneiras da vida privada e do cotidiano”¹⁰², que dirá uma história das mulheres pobres.

As mulheres por muito tempo foram sujeitos excluídos da história, e sofreram ainda mais com esse licenciamento ao qual estavam impostas. Nesse sentido, entendemos que, se as mulheres das camadas sociais mais altas da sociedade já se encontravam inseridas no preconceito de gênero, vistas como sujeitos participativos apenas da maternidade e do ambiente doméstico, de ser mãe, cuidar do lar e do marido, diante do que a Igreja determinava ser o seu único papel no qual deveria cumprir, imagine as mulheres pobres, essas é que foram colocadas à margem da vida social, ficando à parte apenas em servir com seu trabalho, sua força, diante da necessidade de vida que eram empurradas.

As mulheres pobres tiveram a sua história apagada, silenciada por muito tempo por só se dar importância a história da figura masculina, e de grandes nomes. Diante disso, que se faz necessário uma análise sobre a vida dessas mulheres, mediante uma sociedade machista, que discrimina as mulheres não vendo-as como sujeitos históricos, sendo ainda uma característica muito notável no século XX, tendo em vista que foi um século de conquistas e de grande visibilidade para as mulheres. Diante do que compreende Mestre:

O século XX foi um período agitado por inúmeras tensões e por uma extrema mobilidade nos destinos humanos. No entanto, pode-se afirmar que para mais da metade da população mundial – as mulheres – ele também foi um século de conquistas e de grande visibilidade¹⁰³.

Corroboramos com a ideia de que os discursos normatizadores foram construídos pela Igreja Católica sobre o modelo ideal de mulher, sendo ela mãe, esposa e dona de casa, essas seriam as suas prioridades de vida na qual deveriam

¹⁰² MOTTA, Alda Britto da. Elas começam a aparcer. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 84.

¹⁰³ MESTRE, Marilza Bertassoni Alves, *Mulheres do Século xx: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)*, p. 12.

seguir fervorosamente. Para tanto, o século XX surge com um período de grandes questionamentos, se observa novos olhares, principalmente às mulheres, que querem dar nesse momento novos passos em meio a suas vivências do cotidiano.

Segundo Karlene Araújo em sua pesquisa sobre a pobreza na Teresina dos anos 1970:

No século XX, os processos de modernização tomaram maiores proporções nas cidades brasileiras. Cada cidade com sua temporalidade e especificidade, mas cujas mudanças revelaram muitos pontos de comunhão. O estabelecimento de serviços como de energia elétrica, da água encanada, dos bondes, além dos cinemas, dos clubes e da abertura de ruas e avenidas são tomadas como caracterizadoras de processos modernizadores que marcaram várias cidades da federação, tanto pelas mudanças físicas, quanto nas sociabilidades e nas sensibilidades. As mudanças na cidade tinham o intuito de apagar o passado dito, pelas elites locais, provinciano de uma cidade pequena, com costumes rurais, para se moldar aos parâmetros modernos¹⁰⁴.

Nesse sentido, compreendemos que os processos de modernização são, a princípio, caracterizados pelas mudanças urbanísticas da cidade e depois aparecem como uma justificativa para jogar a pobreza cada vez mais longe do centro¹⁰⁵. Com isso, se faz notório que a modernidade surge nas cidades brasileiras e com ela as mudanças, no sentido de moldar os espaços urbanísticos, fugindo dos traços da urbe provinciana para assim construir traços espelhados em cidades modernas. No entanto, o que se percebe é que esse processo de modernização visualiza-se como um processo de exclusão, pois tudo que seria considerado traço ou aparência feia, diante do olhar civilizador e disciplinador¹⁰⁶, sobretudo equiparadas à pobreza, deveriam ser varridos como sujeira dos espaços urbanos modernos.

Segundo uma reportagem de 28 de janeiro de 1962, do Jornal *O Dominical*, um periódico da Igreja Católica da capital do Piauí, Teresina, no qual traz uma abordagem de qual seria o ideal da mãe, a sua missão para com seus filhos e, o seu papel de importância para o fortalecimento e seguimento na vida cristã. Nesses

¹⁰⁴ Araújo, Karlene Sayanne Ferreira. Teresina (in) desejada e pulsante: pobreza, modernização e memórias da capital na década de 1970. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015, p. 13.

¹⁰⁵ Idem, p. 8.

¹⁰⁶ O conceito de corpo disciplinado é uma apropriação dos conceitos e discussões feitas por Michel Foucault. Sobre o assunto, ver: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2003. Sobre a construção do corpo civilizado, ver: ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. v I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

anos, as mulheres enquanto mães eram responsáveis em guiar seus filhos a seguir uma vida cristã, a vocação em seguir os caminhos de Deus eram de responsabilidade de uma mãe. Como observamos em um artigo presente no Jornal *O Dominical*, o Fr. Estevão Cisteciense, nos dá o seguinte parecer mediante à pergunta “Onde é que se encontram as vocações?”, podemos observar:

A mãe, sorrindo sobre o berço, é a primeira plasmadora da futura personalidade do filho.

Sorriso e olhares maternos são luzes que despertam para vida...! A missão da mãe é importante, seus cuidados indispensáveis. Da oração da mãe depende o futuro do filho.

--- Ser padre... ministro de Deus... Desde os primeiros dias de seminário foi êste o ideal que encantou e animou o pequeno seminarista. Esperança acalentada todos os dias com a oração e o entusiasmo, fez superar vitoriosamente as dificuldades surgidas no decorrer dos anos de seminário.

E geralmente, é no seio de uma boa família, de vida cristã, que floresce a vocação sacerdotal. E uma boa família é obra de uma boa mãe. Meu filho padre...! Pode dizer com retribuição... É a mãe quem vela à cabeceira do berço; é ela quem penetra no mais íntimo do coraçãozinho que é “seu” coração, é ela, então, quem deve prepará-lo a receber e atender ao chamado divino. A oração da mãe devera acompanhar a vocação do filho: “do berço ao altar e do altar ao trono de Deus”¹⁰⁷.

Entendemos que as mulheres enquanto mães eram responsáveis em guiar seus filhos a seguir uma vida cristã, a vocação de tornar-se um sacerdote de Deus, era esse um caminho que deveria ser guiado pela própria mãe e, dessa forma tornava-se de sua total responsabilidade, esse era um de seus papéis enquanto exemplo de boa mãe.

No início do século XX, com o surgimento da modernidade que novos moldes de sociedade se fazem necessários mediante os novos olhares modernos de então. Para tanto, esse novo olhar se fazia de forma a definir ainda mais os modelos de famílias, que passa a ser definida como nuclear, como define Pinsky:

O modelo de família propalado desde o início do século ganhara bastante espaço em corações e mentes e era agora a grande referência: nuclear, com uma nítida divisão de papéis femininos e masculinos (aos homens, a responsabilidade de prover o lar; às mulheres, as funções exclusivas de esposa, mãe e dona de casa) e baseada na dupla moral, que permite aos homens se esbaldar em

¹⁰⁷ A vocação depende da Mãe. *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, nº 18. 28 de janeiro 1962, p. 3.

aventuras sexuais ao mesmo tempo em que cobra a monogamia das esposas e a “pureza sexual” das solteiras¹⁰⁸.

Esse novo modelo de família nuclear, segundo Pinsky, pode também ser observado nas famílias de classe baixa, que também procuravam seguir os moldes sociais, tidos como naturais, estabelecido como o ideal para se ter uma família conjugal moderna e, não seguir esses moldes daria a desqualificação dessas famílias, mas sobretudo, essas virtudes recaíam com maior força sobre as mulheres:

Esses valores chegavam aos jovens como se fossem naturais, desqualificando quem não quisesse ou pudesse segui-los. As famílias de classe baixa que aspiravam ostentar uma áurea de responsabilidade também procuravam segui-los, esforçando-se por destacar a virtude moral e a domesticidade de suas mulheres¹⁰⁹.

Embora as mulheres pobres tivessem que se submeter a esses modelos perante a sociedade, elas eram sujeitos invisíveis para o meio social, eram padrões de vida que abarcavam suas diferenças. Ainda segundo Pinsky,

As garotas de famílias pobres, por sua vez, cedo começavam a atuar em atividades produtivas, dentro de casa (como costureiras e lavadeiras) ou fora (como operárias, vendedoras de doces, cigarros e charutos, floristas, garçonetes). Para elas, era impossível cumprir todos os preceitos da nova moralidade já que, ao tentar obter algum ganho, eram obrigadas a se deslocar pela cidade, conversar nas ruas, aproximar-se dos homens, conviver com todo o tipo de gente¹¹⁰.

Não diferente dos dias atuais, as mulheres pobres na década de 1960 e 1970, estavam sujeitas a servir com sua força de trabalho aos das classes tidas como “superiores”, com condições de trabalho não muito boas e ainda recebendo salários inferiores aos dos homens. As mulheres das camadas populares ainda deveriam permanecer disciplinadas dentro das leis e costumes estabelecidos. Segundo Soihet:

Convergiam as preocupações para a organização da família e de uma classe dirigente sólida - respeitosa das leis, costumes, regras e conversões. Das camadas populares se esperava uma força de

¹⁰⁸ PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: _____; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 480.

¹⁰⁹ Ídem.

¹¹⁰ Ídem, p. 474.

trabalho adequada e disciplinada. Especificamente sobre as mulheres recaía uma forte carga de pressão acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, que lhes garantissem apropriada inserção na nova ordem, considerando-se que delas dependeria, em grande escala, a consecução dos novos propósitos¹¹¹.

Essas mulheres, podemos dizer que ainda hoje são olhadas com diferenças, são as que mais sofrem com preconceito e olhares machistas, abusos e assédio masculinos, e mesmo outros fatores, tanto sociais, como econômicos. Mediante a necessidade de manterem suas famílias, diante da necessidade de vida que se viam inserida, muitas famílias foram chefiadas por mulheres, passando a ser provedoras do lar, diante da grande problema financeira que se encontravam.

Portanto, a inserção das mulheres no mercado de trabalho ainda é um assunto que se encontra em pauta, visto que ainda era muito forte o preconceito de gênero em diversos âmbitos, como salários menores, menos opções de empregos, dentre outros. Sem falar nas atividades em que mais se destacavam, aquelas que seriam e poderiam ter a sua participação, diante dos olhares machistas e preconceituosos, e assim, eram no setor de serviços, como também em trabalhos domésticos, que eram notado com maior visibilidade a presença das mulheres trabalhadoras.

“Trabalhar fora” era algo que se impôs à maioria das mulheres pobres da geração em estudo, embora o mais indicado era que o fizessem no ambiente doméstico ou em profissões dadas como femininas. A vigilância com a moralidade das mulheres foi discutida por Raquel Soihet em seu artigo *Mulheres Pobres e violência no Brasil urbano* que trata do início do século XX, na qual ela pondera:

A rua simbolizava o espaço do desvio, das tentações, devendo as mães pobres, segundo os médicos e juristas, exercer vigilância constante sobre suas filhas, nesses novos tempos de preocupação com a moralidade como indicação de progresso e civilização. Essa exigência afigurava-se impossível de ser cumprida pelas mulheres pobres que precisavam trabalhar e que para isso, deviam sair às ruas à procura de possibilidades de sobrevivência¹¹².

Consideramos como pertinente essa afirmação da autora mesmo em se considerar o recorte temporal da nossa pesquisa, que permeia a metade do século

¹¹¹ SOIHEL, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, C. B.; (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 362.

¹¹² Ídem, p. 365.

XX, pois as mudanças propostas nesse ideal de modernização não chegava da mesma forma e nem no mesmo tempo em todas as regiões do Brasil, principalmente levando em consideração a cidade de Picos, uma pequena cidade do interior do Piauí. A título de comparação, enquanto os grandes centros brasileiros, como São Paulo¹¹³ e Rio de Janeiro¹¹⁴, iniciavam seu processo de modernização na virada do século XIX e anos iniciais do XX, Teresina, a capital do Piauí, só consolidou esse processo entre os anos de 1940 e 1950, segundo o pesquisador Alcides Nascimento¹¹⁵.

No entanto, podemos nos ater ao século XX como sendo um período de muitas conquistas e de grande visibilidade feminina, onde pretendemos analisar nesse trabalho.

Percebemos tudo isso em meio ao surgimento do que podemos chamar de “primeira onda” do feminino¹¹⁶, no qual ocorreu na metade do século XIX, um movimento que teria como objetivo, em seu primeiro momento, tornar igualitária os direitos civis e políticos entre homens e mulheres. Diante disso, entendemos por meio do pensamento de Mestre que:

Os movimentos feministas, liderados por mulheres da camada econômica e culturalmente superior da população, identificados com a burguesia, não tiveram, no entanto, grande repercussão naquelas de menor poder aquisitivo e, portanto, social. Não havia vantagens aparentes, para a maioria das mulheres, em participar dessas reivindicações. O espaço "privado" lhes concedia proteção e, até, certos privilégios, a começar pela valorização de sua função materna e "civilizadora". Transmissoras de cultura, dentro de seus lares, perpetuavam regras morais e sociais.¹¹⁷

¹¹³ Para saber mais, ver: CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986; *Visões da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

¹¹⁴ SOIHET, Raquel. *Condição feminina e formas de violência*: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989; CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra*: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

¹¹⁵ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo*: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

¹¹⁶ PERROT, Michelle. A antiguidade. In: *História das mulheres no Ocidente - 4: o século IX*. Porto: Afrontamento. 1990. p.15-16.

¹¹⁷ MESTRE, Marilza Bertassoni Alves, *MULHERES DO SÉCULO XX: MEMÓRIAS DE TRAJETÓRIAS DE VIDA, SUAS REPRESENTAÇÕES (1936-2000)*, p. 12.

No Brasil, ainda não se percebia a participação das mulheres pobres nos movimentos feministas que estavam acontecendo no período, pois não eram algo que lhes poderia trazer vantagens. Em Picos, durante esse estudo não se pode perceber nenhum movimento nesse âmbito de forma organizada.

No entanto, na cidade em estudo já existiam aquelas que não aceitavam a forma que a elas eram impostas pela sociedade, diante do discurso civilizador que as aprisionavam ao ambiente doméstico, no mundo privado, já se percebia nos períodos de sessenta e setenta muitos questionamentos femininos no que se refere ao casamento, e trabalho feminino, a liberdade e independência feminina, mesmo que de forma micropolítica.

Em meio ao período representado pela modernidade que estava acontecendo no restante do Brasil, Picos ainda era uma cidade interiorana carregada por muitos traços de resistência à modernidade que chegava com intensidade na vida da população, especificamente feminina. Isso se deve por ainda existir a forte presença de antigos valores morais, e assim se fazia esse duelo, dos antigos costumes e da modernidade que emergia na vida da população picoense.

Em meio a tudo isso, “as mulheres pobres estavam mais preocupadas em se manter vivas e à sua prole, trabalhando como serviçais ou mesmo mendigando nas ruas”¹¹⁸. Muito embora as mulheres pobres trabalhadoras não tivessem os mesmos direitos que os homens, ainda se percebiam com salários menores, jornadas exaustivas de trabalho e sem nenhum direito trabalhista que lhes assegurava.

Em Picos, as mulheres pobres durante as décadas de 1960 e 1970 exerciam muitos trabalhos para manter-se e, em muitos casos a suas famílias, o que tornava essas mulheres as principais provedoras do lar. Era muito comum as meninas saírem de suas regiões, localizadas próximas a Picos para procurar um trabalho na cidade, muitas saíam de suas residências com a intensão não só de trabalhar, mas com o sonho de estudar, e nem sempre conseguiam terminar o ginásio. Podemos observar o seguinte fato na fala da depoente, Dionísia Gonçalves:

Eu estudava de noite, já era grande né. Eu tinha uns doze uns onze por aí. Eu trabalhava, morava na casa de uma mulher que eu cuidava “dur minino” “oiava or minino” dela, ela costureira e eu oiava pror minino, cuidava dor minino e de noite eu ia pra escola. Só

¹¹⁸ THÉBAUD, Françoise. A grande guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres no ocidente - 5: o século XX*. Porto (Portugal): Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1991, p. 31-33.

estudei até a terceira série ,estudei mar não, só a terceira só sei assinar meu nome, eu pego a Bíblia sei lê um pouco, né muito não mais eu tiro do prego como diz a história¹¹⁹.

Segundo Oneide Rocha, as profissões ou mesmo trabalhos que eram realizadas pelas mulheres pobres na década de 1960 eram diversos. No entanto, se percebe que nesse período ainda se encontrava muito restrito as profissões tidas como femininas quem em sua maioria eram relativamente ligadas aos trabalhos domésticos, como lavar, engomar, cozinhar, limpar, cuidar de crianças, entre tantas outras atividades que eram exercidas pelas mulheres pobres nas referidas décadas.

Então, as mulheres pobres trabalhavam como lavadeiras, engomadeiras, cozinheira, babá ou então boleiras, faziam bolos para mandar vender na rua, os filhos iam vender os pedaços de bolo, ou então pra ir comprar lá. ô vai comprar o bolo na casa de fulana, ou doceiras, faziam doces¹²⁰.

Já as mulheres de melhor condição financeira, as ricas, quando saíam para trabalhar fora, ocupavam outras profissões que não fossem as mesmas do lar, e essa seria uma maneira de ocupar-se, de sair da vida doméstica para assim conseguir inserir-se ao meio público, ter uma vida socialmente ativa, a tornar-se sujeitos também participativos da sociedade, deixando de ser sujeitos passivos.

Como tinham condições e podiam pagar por certos investimentos como estudar fora para conseguir uma profissão, elas seguiam com trabalhos como o de professora, por exemplo, pois no período de 1960 essa ainda era uma profissão tida como feminina, e vista com bons olhos pela sociedade de então. É relevante esclarecer que muitas jovens ricas não trabalhavam por serem impedidas pelos pais, pois estar no espaço público poderia ser um empecilho para arrumar um bom casamento.

Enquanto algumas mulheres com uma melhor condição financeira teriam a possibilidade de realizar-se profissionalmente, as trabalhadoras pobres apenas tinham a força e coragem para trabalhar e, muitas vezes o que ganhavam não era suficiente para suprir as necessidades da família.

Na fala de Oneide Rocha quanto à sua formação, e de querer seguir a profissão de professora, por ter estudado e por sentir-se preparada para tal,

¹¹⁹ GONÇALVES, Dionísia Conceição. *Depoimento concedido a Danyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

¹²⁰ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Danyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

percebemos que a mesma não encontrou grandes dificuldades em inserir-se nessa área profissional, uma profissão que só era exercida pelas moças de melhor condição financeira, visto que eram estas que tinham a oportunidade de estudar em níveis mais elevados, diferentemente das moças pobres que teriam que pensar primeiro na sua sobrevivência, sem nenhum apoio financeiro, embarcavam ainda muito jovens no mercado de trabalho:

Não, porque eu estudei, né. Eu fui interna quando eu fui fazer o meu curso pedagógico, aquele ainda do Ensino médio, curso normal de formação de Professores. Picos ainda não tinha curso de formação de professores, porque a Escola Normal Oficial de Picos só chegou, só foi instalada em Picos em 1967, e em sessenta e sete eu já era formada. Eu terminei o ginásio com quinze anos, né, e com desesseis anos, fui estudar no Crato-CE, interna do Colégio Santa Tereza de Jesus, e eu queria trabalhar, terminei meu curso de professora. Logo que cheguei em Picos, em março, em março de sessenta e seis, com dezenove anos eu comecei a trabalhar. Eu dei aula, é ... comecei a trabalhar numa turma de terceiro ano do Instituto Monsenhor Hipólito e à tarde eu tinha uma nomeação pra ensinar na escola pública do estado, no Grupo Escolar Justino Luz que fica na rua Arlindo Rocha numa turma de Alfabetização de adultos. Então eu sempre gostei de trabalhar, até porque eu não podia ficar dependendo dos meus pais, eles não tinham condições, eu que já ajudava, eu tive que trabalhar pra ajudar a minha família. Tanto pela questão profissional, de afirmação profissional, que eu fiz um curso, tava me sentia preparada e queria ser professora, quanto pela necessidade familiar da economia doméstica, eu tinha que suprir também com a economia doméstica que o salário do meu pai, a aposentadoria que pai recebia era muito pequena não dava pra sustentar uma casa com nove filhos¹²¹.

Tendo em vista os fatos trazidos pela entrevistada, embora sua família tivesse condições financeiras de manter seus estudos fora, em outro estado, percebe-se que com o passar dos anos a renda da família foi diminuindo devido ao envelhecimento dos pais, que passaram a viver apenas da pequena aposentadoria que não dava mais para suprir as necessidades de uma família com nove filhos, sendo necessário ajudar com as despesas de casa. É possível observar que as famílias eram compostas por muitas pessoas, o que dificultava a qualidade de vida. Torna-se necessário destacar o entusiasmo da entrevistada em querer trabalhar como professora, pois havia se formado, sentindo-se preparada para tal atividade.

¹²¹ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Danyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

2.1 Trouxa suja na cabeça e lá vão elas: as lavadeiras

Entre as variadas profissões femininas durante as décadas de 1960 e 1970, as mulheres pobres exerciam trabalhos domésticos fora de casa ou para completar a renda da família, ajudando seu marido, ou mesmo para sozinha conseguir manter seu lar.

Como já mencionado anteriormente, nesse período em Picos, ainda não obtinha de água encanada. A água para o consumo e para uso doméstico era retirada do rio Guaribas, que nesse período tinha suas águas cristalinas. Com isso, as lavadeiras, mulheres pobres que precisavam trabalhar, lavavam roupas para as famílias ricas de Picos, desciam pela manhã em direção ao rio com trouxas na cabeça e de tarde voltavam, com as roupas já lavadas e secas. Assim como relata Rocha:

Então, como não tinha água em casa, a roupa era lavada no rio, e tinha as lavadeiras. E era muito comum, era a coisa mais comum do mundo você ver as mulheres pobres com as trouxas de roupa na cabeça, o lençol, o lençol sujo que botava a roupa suja, de manhã descendo pro rio, de tarde voltando do rio¹²².

Logo podemos imaginar e nos ater às condições de trabalho dessas mulheres, que não eram nada boas, diante do impiedoso sol que as castigava com seu escaldante calor, fazendo-nos pensar nas reais dificuldades enfrentadas por essas mulheres pobres que trabalhavam para sobreviver. Como escreve Geraldo Pereira do Nascimento, ao jornal *A Voz do Campus*, em dezembro de 1972.

Pouca gente percebe a situação embaraçosa e difícil que atravessam as abnegadas lavadeiras de Picos. O drama altamente cruento e comovedor de enfrentam as humildes lavadeiras, diariamente maltratadas e castigadas pela ação violenta do sol ardente=que queima sem piedade, é um fato que urge as necessárias providências por parte dos órgãos competentes. O lendário, amigo e malvado = “Rio Guaribas”, que sempre mitiga a sede dos seres que o procuram, mas que também castiga impiedosamente com seus precipitados transbordamentos, já não mais oferecendo condições favoráveis à difícil e nobre missão das lavadeiras¹²³.

¹²² ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

¹²³ NASCIMENTO, Geraldo Pererira. *Voz do Campus*. Picos, 20 dez. 1972, p. 4.

Logo percebe-se por meio das palavras de Geraldo Pereira que as condições de trabalho das lavadeiras eram bastante precárias, no entanto, as mesmas continuavam a trabalhar para manter a sua família. É interessante percebermos que já havia existido anteriormente uma lavanderia e que por não ter tido uma preocupação com essa atividade profissional e com as próprias lavadeiras, havia fechado as portas. Uma desvalorização e total descaso com o trabalho dessas mulheres pobres, que por meio da coragem e necessidade de vida, serviam os que podiam pagar pelos seus serviços, não existindo uma preocupação em amenizar o sofrimento dessas humildes mulheres. Diante disso o jornal *A Voz do Campus* encontramos ainda o seguinte trecho:

Agora surge uma pergunta: qual a medida mais urgente a ser adotada pelos poderes públicos no sentido de amenizar os sofrimentos, as dificuldades das humildes lavadeiras picoenses? Eis a resposta: fazer funcionar a todo custo uma lavanderia que se encontra abandonada, há mais de 3 anos, na rua 1º de maio, sem nenhuma utilidade. Seis meses após a sua inauguração esta lavanderia abrigava centenas de lavadeiras oferecendo a todas que procuravam aquele prédio, um ambiente de trabalho tranquilo e confortável¹²⁴.

Corroborando com a ideia de que essa talvez fosse uma maneira de tentar afastar a parte feia e suja da pobreza dos espaços urbanos, com o propósito da elite de inserir a modernização em Picos, nas décadas sessenta e setenta, diante dos novos olhares modernizadores que estavam surgindo com o processo de modernização das cidades brasileiras.

Partindo da ideia de que com o processo modernizador ocorre uma segregação dos moradores da cidade, diante do desejo da elite de afastar os pobres das áreas urbanas para áreas afastadas da cidade. Assim como Teresina, discutida no trabalho de Karlene Araújo, em Picos não foi diferente, ocorrendo o afastamento dos pobres para as áreas mais distantes da cidade. Logo se percebe que empurrar as lavadeiras para exercer seu trabalho nos rios era uma maneira de afastar da cidade os aspectos feios e sujos, varrendo-os para o leito do rio Guaribas, pode ser visto como sendo um ato de governantes e da elite picoense em meio à tentativa de

¹²⁴ ARAÚJO, Karlene Sayanne Ferreira. Teresina (in) desejada e pulsante: pobreza, modernização e memórias da capital na década de 1970. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015, p. 4.

dar a Picos características de uma cidade moderna. Sobre o processo modernizador, Araújo define:

O processo modernizador, ou processos modernizadores é/são por excelência, elitizado(s) e excludente(s). Atendem aos anseios das elites locais, enquanto os pobres que não podiam seguir os padrões impostos, talvez porque os padrões fossem mesmo criados para excluí-los sem a intenção de incorporá-los as novas demandas sociais, eram cada vez mais jogados às margens da cidade¹²⁵.

Então, entendemos que esse processo de modernização pode ter ainda mais dificultado o trabalho das lavadeiras na cidade de Picos. Diante da falta de interesse dos governantes locais em tornar o trabalho dessas mulheres menos cansativo, em face de uma desvalorização quanto ao trabalho dessas trabalhadoras pobres, como se elas existissem apenas para servir às pessoas de maior poder aquisitivo.

2.2 “Fui muito Cuidadeira de Criança”: o trabalho das babás

Oneide Rocha nos relata que “geralmente, a profissão das mulheres mais jovens era ser babá. Lá em casa nós tivemos babá, né”¹²⁶. Então as famílias que tinham um melhor poder aquisitivo geralmente tinham em sua residência pessoas para cuidar das crianças, as babás, também conhecidas como cuidadoras de crianças. Muitas vezes a quantidade de babás era de acordo com a quantidade de filhos que a família possuía. “As famílias que tinham um melhor poder aquisitivo, geralmente elas tinham quatro pessoas em casa, que trabalhavam, tinha a cozinheira, tinha a pessoa da limpeza, tinha a babá, se tivesse mais filho às vezes tinha duas babás”.¹²⁷

Essa profissão era realizada pelas moças pobres mais jovens, que em muitos casos ainda eram de certa forma crianças, mas que já existia a necessidade na família que elas desenvolvessem uma atividade com renda. Assim com relata Dionísia Gonçalves, que desde muito nova começou a trabalhar, quando tinha apenas onze a doze anos de idade cuidou de cinco crianças de uma mesma família.

¹²⁵ IDEM, p.15.

¹²⁶ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

¹²⁷ Ídem.

Eu tinha uns doze uns onze por aí. Eu trabalhava, morava na casa de uma mulher que eu cuidava “dur minino” “oiava or minino” dela , ela costureira e eu oiava pror minino, cuidava dur minino e de noite eu ia pra escola . Cuidei de criança, a mulher que eu morava com ela, ela teve cinco criança, dessas cinco criança eu cuidei. Cinco criança, duas minina e três minino home, cuidei deles fui muito cuidadeira de criança¹²⁸.

Diante da fala da entrevistada que inicia sua vida profissional trabalhando como babá, e logo depois, passando a exercer outra atividade profissional, como vendedora de doces na feira livre de Picos, compreendemos que assim como a depoente, muitas mulheres não conseguiram mudar seu padrão de vida, não tendo a oportunidade de estudar, diferentemente das mulheres que tinham uma melhor condição social.

É importante observar que a relação de interdependência entre as mulheres pobres e ricas quando se refere à profissão de babá. A pesquisadora Karla Oliveira, discute na sua dissertação sobre essa questão, inclusive expondo uma fala de uma de suas entrevistadas:

Algumas dessas mulheres, por apresentarem melhores condições econômicas, deixavam seus filhos principalmente sob os cuidados de babás. A saber:

‘Eu tinha uma pessoa comigo, sempre tinha uma pessoa que ficava comigo. E minha mãe sempre vinha, meu marido que também foi muito cuidadoso com essas coisas, a gente tinha uma propriedade aqui do outro lado, mas ele ia lá e voltava pra ver como tava, ficar acompanhando as coisas, e eu acho isso muito positivo viu, ele tinha aquele carinho de estar acompanhando, de ver como é que ta, quando eu saia deixava feito o leite, as mamadeiras, ensinava como fazer, aquelas primeiras coisas a menina fazia pra ele olhar, ajudou muito’ (Conceição Albano).

Apesar de viverem em boas condições financeiras, o trabalho para essas mulheres também configurava uma forma de engrandecimento pessoal, de se sentir útil, não somente dentro de casa, para os filhos e o marido, mas para a sociedade, visto que as profissões que elas desempenhavam eram, prioritariamente, as de professora ou de

¹²⁸ GONÇALVES, Dionísia Conceição . *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

enfermeiras; ou seja, profissões de cuidado, vistas como preferencialmente femininas¹²⁹.

Como mencionado acima, o trabalho da mulher casada de condições mais abastada, em muitos casos, só era possível com a ajuda da babá, por isso consideramos essa relação de interdependência, pois as mulheres ricas que tinham filhos viam na figura da babá a possibilidade de liberdade para estar no espaço público desenvolvendo sua profissão, pois enquanto estavam ausentes de casa, seus filhos estavam sob os cuidados de outra mulher, que atendia às necessidades imediatas das crianças, como dar banho, alimentar, etc.

É interessante elencarmos um ponto de discussão que Elizangela Cardoso aponta em seu texto sobre a escolarização das mulheres teresinenses de camadas medianas e elevadas:

Outro deslocamento das relações de gênero que essas mulheres iam forjando era o fato de passarem a ter *status* social, a partir do lugar de profissional. Isto se dava porque essas mulheres iam se inserindo no universo público e conseguindo legitimidade e *status* social a partir de um nome próprio, a partir do lugar de mulheres públicas¹³⁰.

É possível perceber que as relações que as mulheres pobres e ricas tinham com o trabalho eram diferentes em cada classe social, pois enquanto essas o faziam como possibilidade de sentir-se útil na sociedade e de valorização pessoal, para serem bem vistas pelos demais, reafirmando seu status social passando a serem reconhecidas pelo seu nome e não apenas pelo nome do pai ou marido; aquelas faziam não por realização pessoal, mas por necessidade financeira, algumas até tendo que deixar seus filhos sem os devidos cuidados em casa para ter que cuidar dos filhos das patroas.

¹²⁹ OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. *A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960*. 2014. 141f. (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, Teresina, 2014, p. 58-59.

¹³⁰ CARDOSO, Elisângela. *Múltiplas e Singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina – 1930-1970*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003, p. 204.

2.3 “Lá na minha banca eu era muito prestativa”: a Feira Livre e as mulheres feirantes

Assim como já mencionado no capítulo anterior, existem vários locais dentro de uma cidade que funciona como construção de uma identidade social, onde ao mesmo tempo abrange uma relação econômica, social e cultural, e assim, constitui um lugar de encontros. Como Duarte ressalta:

Além de ser a ocasião de socialização e de integração entre as pessoas do mato e as da rua, é através da feira que os agricultores de subsistência vendem as parcelas do seu pequeno excedente agrícola e adquirem as poucas mercadorias que completam os seus precários padrões de sobrevivência¹³¹.

Entre tantas atividades, que muito se fizeram presentes na vida das mulheres pobres trabalhadoras, uma delas foi o comércio na feira livre de Picos. Um espaço que trazia uma autonomia financeira, assim como uma maneira de diversão. Abaixo, trazemos uma fotografia da feira na década de 1960:

Imagem: Feira livre de Picos na década de 1960



¹³¹ DUARTE, Renato. *A reconstrução de uma cidade: plano de desenvolvimento para Picos*. Teresina: Comp. ED. Do Estado do Piauí, 2000.

A partir das conversas com uma de nossas entrevistadas fica evidente a grande satisfação em ter desenvolvido atividades durante muitos anos de sua vida naquele lugar, carregando a alegria de ter conquistado muitos amigos no referido espaço que, além de ser um centro econômico, pode ser considerado um espaço de sociabilidade cultural que se fez e, se faz de grande importância para toda a sociedade picoense, como discute Elieny Carvalho em sua pesquisa:

A feira pode ser percebida como um espaço, de percepções, sentidos e interações, no qual redes de educação, sociabilidades e culturas são tecidas, diariamente, por feirantes e fregueses, sujeitos sociais que se constroem trocando produtos, saberes, fazeres, estratégias de comprar e vender por melhor preço, risos, jocosidades. São esses sujeitos que realizam a feira e, além de construir, reconstruem e tecem novos desenrolares para a sua história a todo instante¹³².

Entendemos, pois, como sendo a feira um local de grande importância para a economia da cidade, mas sobretudo, como um espaço de sociabilidade entre os indivíduos que fazem parte do seu meio. E porque não ser nesse espaço onde possa surgir uma união, uma paixão entre um homem e uma mulher? Assim como nos destaca Dionísia Gonçalves, foi na feira livre de Picos que, ela e seu esposo se encontraram, e de lá surgiu uma união e, dessa maneira construíram uma vida juntos: “E foi na feira mesmo que encontrei ele porque ele já vendia rapadura. Porque quando encontrei meu marido ele já era, já era, aí ficou na facilidade de entrar junto com ele”¹³³.

Dionísia Gonçalves rememora a sua principal especialidade de trabalho, que mais se identificara, embora já tivesse seguido outras, já mencionada anteriormente, como a de Babá. “E minha especialidade de trabalho foi na feira, amanhecia o dia e só vinha de tarde”¹³⁴. A mesma teria seguido a profissão de feirante motivada pelo esposo, que já era desenvolvendo atividades nesse espaço público como vendedor de rapaduras, e assim teria levado a ajuda-lo no então comércio, passando, posteriormente a assumir a sua própria banca, onde comercializava doces e queijos da região.

¹³² CARVALHO, Elieny Veloso de. *A Feira livre de Picos Piauí*. 2013. 53 f. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013, p. 26-27.

¹³³ GONÇALVES, Dionísia Conceição. *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

¹³⁴ Ídem.

Porque quando encontrei meu marido ele já era feirante, já era, aí ficou na facilidade de entrar junto com ele. Aí eu juntei da minha especialidade que era a cozinha, que era minha casa, aí passei a ser “ajudadeira” dele também, ajudava ele, ajudei muito ele na feira. Num dava pra trabalhar fora em outro lugar não, só dava pra trabalhar ajudando ele¹³⁵.

Diante do depoimento acima, percebemos uma mudança no espaço da feira livre, onde, em anos anteriores a presença feminina era vista de outra maneira, como mulheres que, só iam à feira livre como consumidoras, para comprar os alimentos necessários para sua alimentação e de suas famílias ou mesmo domésticas fazendo compras para seus patrões, e não como trabalhadoras independentes. Assim, entendemos esse fenômeno como uma ressignificação do espaço público de acordo com as transformações nos papéis femininos, mesmo que ainda muito lentos, na cidade de Picos. Se percebe uma pontual abertura no modo de se perceber as mulheres pobres na cidade picoense, em se tratando das normas vigentes na época em estudo. Dizemos pontual, pois, não se pode deixar de perceber o discurso de submissão e tutela incidindo sobre os corpos dessas mulheres, no trecho “num dava pra trabalhar fora em outro lugar não, só dava pra trabalhar ajudando ele”, ou seja, outras atividades econômicas em espaços públicos, longe do olhar marido, já não configurava como uma possibilidade de trabalho.

Muitos homens não entendiam que a Feira também poderia ser um local de trabalho das mulheres, onde buscavam seu sustento trabalhando duro sob o sol escaldante da cidade embaixo de lonas, alguns desses homens assediavam essas mulheres no seu local de trabalho confundir um bom atendimento com abertura para galanteios. Possivelmente, os assédios se davam por motivos mais incisivos, inclusive se levarmos em consideração o trecho da fala da entrevistada quando ela diz que não dava para trabalhar em outro lugar a não ser perto do marido. Como expõe Dona Dionísia da Conceição:

Porque logo lá na minha banca eu era, eu era muito prestativa, assim né, eu atendia o cliente com alegria, é ...com atenção, bem....eu acho que eles, eu acho que eles sentia assim cum quem, achava como se entrar mais assim eu tava porque achava que eu tava porque eu era muito alegre, aí acabava acontecendo alguma coisa, algum adiantamento né. Eles parece que num sabia “dicir nir” o bom atendimento por, por a “saliência”, num sei nem dizer, né. Eu gostava de atender meus clientes bem, né, mas eles parece que

¹³⁵ GONÇALVES, Dionísia Conceição. *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

queria trocar, entendia errado. Aconteceu bem duas vez, via que meu marido era velho né, e achava que podia se adiantar, e voltei muitas vez¹³⁶.

Logo, percebemos que o espaço público e o trabalho para a mulher casada era visto como infringindo questões morais, pois a deixava em contato constante com diversos homens, algo que poderia lhe causar desonra pela falta de respeito por parte de alguns homens. O exercício do trabalho pela mulher casada no espaço fora do espaço da casa era visto com maus olhos pelo público masculino.

2.4 Lavadeiras e Engomadeiras: “trouxa de roupa na cabeça e lá vão elas”

“Então, outra profissão era lavar, lavar, engomar”¹³⁷, como aponta Rocha, essa era outra profissão muito presente na vida da mulheres pobres nos anos em estudo. Essas mulheres pobres trabalhavam como lavadeiras, engomadeiras. As profissões eram praticadas muitas vezes por uma mesma mulher, que logo depois de lavar, engomava (passava) as roupas das famílias da cidade de Picos que poderiam pagar pelo serviço, que era realizado tanto no rio Guaribas como nas casas das próprias lavadeiras, como nos relata as entrevistadas: “Onde? ...Na casa de Dr. Zé Nunes, mas Luiza Helena. Lavava e passava pra casa deles, mas trabalhava aqui em minha casa, mas o serviço era pra lá, ele vinha deixar e vinha buscar. E trabalhava pra outras pessoas também. Trabalhava pra fora, mas em casa.”¹³⁸ Para tanto, a mesma ressalta ter exercido atividade remunerada de lavadeira e engomadeira, mas sendo realizada em sua própria residência. O que nos faz pensar que não eram apenas no Rio Guaribas que essas mulheres buscavam ganhar seus sustentos, mas em seus próprios lares.

Diante da grande “Precisão, necessidade, porque meus pais tinha falecido, mãe, pai avô e tudo, eu fiquei só, aí tinha que trabalhar para me manter, né”¹³⁹. Esse era um dos principais motivos sem dúvida que contribuíam para a prematura entrada dessas jovens no mercado de trabalho, deixando na maioria das vezes, de frequentar a escola, de fazer algo que gostavam e tinham vontade, como estudar. Sem oportunidade de continuar estudando, seguiam lutando contra a difícil vida que

¹³⁶ Idem, 2016.

¹³⁷ ROCHA, Maria Oneide Fialho. *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

¹³⁸ SOUSA, Luísa Amélia Irineu de. *Entrevista concedida a Dannyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

¹³⁹ Idem.

estavam inseridas, como afirmava nossa entrevistada: “Eu gostava de estudar, adorava, se eu não tivesse, se meus pais, se meus pais tivesse condições eu tinha conseguido estudar assim alguma coisa, mas eu num tinha, vontade eu tinha de aprender ler bem. Sei ler muito bem não, mas sei fazer meno meu nome”.¹⁴⁰

Diante da compreensão acerca dos trabalhos femininos, Perrot defende que “as mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível”¹⁴¹.

Torna-se importante ressaltar que o trabalho feminino desejado era a atividade no espaço doméstico, voltado ao cuidado com os filhos e o marido. Para tanto as mulheres pobres precisavam trabalhar fora para buscar o sustento da família. No entanto, as mulheres pobres trabalhadoras, ainda tinham que lidar com os discursos médicos normatizados.

Da mesma forma, as mulheres pobres trabalhadoras são as mais atingidas com o confronto entre a moral e a posição social e econômica da época. Elas precisavam trabalhara para ajudar com as despesas da casa, pois apenas o salário de seu marido não dava para suprir as necessidades do lar. Como bem ressalta Claudia Fonseca¹⁴²:

A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade, vivia entre a cruz e a espada. O salário minguido e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da “mulher pública”¹⁴³.

A autora ainda trás sua contribuição abordando que “Em vez de ser admirada por ser “boa trabalhadora”, como o homem em situação parecida, a mulher com

¹⁴⁰ SOUSA op.cit.

¹⁴¹ Perrot, Michelle *Minha história das mulheres* /; [tradução Angela M. S. Côrrea]. — São Paulo : Contexto, 2007, p. 109.

¹⁴² FONSECA, Claudia. *Ser mulher, mãe e pobre. História das mulheres no Brasil* / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2004, p. 516.

¹⁴³ Idem.

trabalho assalariado tinha de defender sua reputação contra a poluição moral, uma vez que o assédio sexual era lendário”¹⁴⁴.

Assim, podemos nos ater ao fato de que as mulheres ao saírem para trabalhar fora do ambiente doméstico, nas fábricas, ainda eram vista com olhares cobertos de preconceito, e sofrendo com assédios sobre elas, tendo que se preocupar com uma moralidade estabelecida sobre elas.

Entretanto, até mesmo as mulheres pobres que trabalhavam em ambientes domésticos, mas fora do seu lar, estavam sujeitas a serem vistas como péssimas mães, que deixava seu filho em casa e sai para cuidar do lar de outra família que não era sua, mas essa era uma maneira de cuidar de seu e da sua prole.

As mulheres que trabalhavam nas tarefas caseiras tradicionalmente femininas, lavadeiras, engomadeiras, pareciam correr menos perigo moral do que as operárias industriais, mas mesmo nesses casos, sempre as ameaçava a acusação de serem mães relapsas¹⁴⁵.

Compreendemos que a mulher ao sair em busca de um trabalho para sua sobrevivência era vista com desconfiança por estar fora do ambiente doméstico. Isso foi uma visão que perdurou por muitos anos, apontados como o principal trabalho feminino, que seria a função social de dona de casa, mãe, que cuidava única e exclusivamente de seu marido, da casa e dos filhos, mas que deveria ser exercido dentro do seu próprio lar.

¹⁴⁴ FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo : Contexto, 2004, p. 516.

¹⁴⁵ Idem.

CAPÍTULO III:

AS MULHERES E O CASAMENTO: CONSERVADORISMO DOS VALORES MORAIS DA FIGURA FEMININA

Nesse capítulo será feita uma discursão acerca do ideal de mulher, diante de seu comportamento, a mulher conseguiria um casamento tradicional, bem visto pela sociedade em geral. Entendo que existiam comportamentos a serem seguidos de formas diferentes entre homens e mulheres. Discutiremos a visão que atribui a mulher como objeto de exclusividade masculina, nesse sentido, tomamos como suporte a fala de Claudia Fonseca para melhor nos auxiliar.

Ainda nesse capítulo daremos ênfase a questão da virgindade feminina, trazendo o conceito de honra familiar, que tem como embasamento Sueann Caulfield. Adentrando na modernidade que estava chegando a Picos, utilizaremos o trabalho de Marina Luz, bem como, analisaremos o modelo ideal de família, de acordo com a visão de Carla Pinsky. Entenderemos como os padrões que eram estabelecidos, incidiam de formas diferentes entre mulheres ricas e pobres.

Ao longo de toda discursão desse capítulo fez-se necessário a utilização de outras fontes de pesquisa, bem como entrevistas de pessoas que viveram essa época, além disso, utilizamos jornais do período em estudo.

3.1 O Modelo Definido de Mulher Ideal: honra, casamento e virgindade femininos

O início da década de 1960 mantinha padrões estabelecidos desde as décadas passadas. A boa mulher era a boa esposa, a boa dona-de-casa. Havia a submissão ao casamento, à extrema preocupação com a reputação. A virgindade era um tabu que dividia as moças entre as “de família” e as “de fora”. A dupla moral sexual da época dizia que os homens podiam e deviam ter suas aventuras sexuais e suas experiências, enquanto que as mulheres deviam se preservar até o casamento e se comportar de uma maneira que não fizesse as pessoas pensar mal delas. Como aborda José Rodney¹⁴⁶ sobre o comportamento de homens e mulheres nas

¹⁴⁶ BRITO José Rodney Leal, nasceu em Bocaina, então povoado do município de Picos que hoje já é emancipado e, veio morar em Picos com o objetivo de dar continuidade aos estudos, uma vez que

décadas de 1960 e 1970 e, sobretudo acerca do comportamento, no qual podemos dizer ideal, para assumir um bom casamento tradicional:

Assim, ainda se exigia um comportamento, a sociedade ainda exigia um comportamento mais voltado para a dignidade, entendeu. A exigência da virgindade no casamento. Existia uma cobrança maior no padrão do comportamento, na índole, no caráter das mulheres de que dos homens, entendeu, por que os rapazes solteiros freqüentavam o baixo meretrício, ah fulano é machão, gosta de andar no... Mas as mulheres não podem andar em ambientes livres assim, né¹⁴⁷.

Nesse sentido, na fala do depoente percebemos as representações de afirmação da masculinidade, em que códigos sociais eram disseminados como moralmente aceitos para homens e recriminados para mulher, o exercício da sexualidade de forma livre, era um deles. Inicar-se na vida sexual antes do casamento configurava como imperativo masculino, contudo às questões de honra infringiam punições sociais severas àquelas que se entregassem antes do casamento.

Através da fala de Cláudia Fonseca, Compreendemos que as mulheres no século XX eram vistas na sociedade tradicional apenas como objeto de exclusividade masculina. Com poucos direitos, mas carregadas de muitos deveres, dos quais deveriam cumprir para provar sua total submissão e lealdade ao homem, fosse ele pai, marido, irmão e, até mesmo filho:

A receita para a mulher ideal envolvia uma mistura de imagens: a mãe piedosa da Igreja, a mãe-educadora do Estado positivista, a esposa companheira do aparato médico-higienista. Mas todas elas convergiam para a pureza sexual - virgindade da moça, castidade da mulher. Para a mulher ser “honesta”, devia se casar; não havia outra alternativa. E para casar, era teoricamente preciso ser virgem. O próprio Código Civil previa a nulidade do casamento quando constatada pelo marido a não-*virgindade* da noiva¹⁴⁸.

Deste modo fica evidente que o casamento é a condição natural da grande maioria das mulheres até meados do século XX. Durante muito tempo a questão da virgindade era primordial para o desempenho do papel feminino. As moças deveriam

em sua cidade natal só oferecia no período até o curso primário. Depoimento concedido a Danyele Leal Feitosa. Picos, 2017

¹⁴⁷ BRITO, 2017.

¹⁴⁸ FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil* 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2004, p. 528.

preservar-se virgens até o dia do seu casamento, caso contrário, era motivo de grandes comentários, ficando mal faladas pela sociedade. Os pais por vergonha terminavam escondendo e, não aceitavam que sua filha, uma “moça de família” engravidasse antes do casamento. Assim, se faz importante observar que as décadas de 1960 e 1970 ainda eram carregadas por fortes resquícios dos valores morais e padrões de comportamento estabelecidos pela Igreja Católica. Como recorda Diva Guimarães¹⁴⁹:

É a gente não aceitava assim como muita normalidade não, faziam muita questão de esconder, os pais sofriam muito. Se uma moça da sociedade, como chamavam, engravidasse, tinha muitas, não era tão natural como hoje não, enfrentavam muitas dificuldades na vida porque os pais não aceitavam muito bem, mas não tinha o que fazer, e acontecia muito¹⁵⁰.

Maria Carolina Silva em sua dissertação de mestrado de mesmo recorte temporal da nossa pesquisa, reflete como a moralidade incide sobre os sujeitos, que vão da obediência à resistência:

A moralidade pauta os lugares, as formas, os olhares, as falas e os gestos das mulheres. As particularidades dos indivíduos se hidridam com esses códigos e, conseqüentemente, vivenciam suas histórias no espaço do micro, onde ocorre a resistência às normas e sua reprodução também dentro de um movimento de contradições. Os mecanismos de reprodução estavam, na época, associados aos mecanismos de vigilância existentes entre os indivíduos. O controle também ocorria através da oralidade, cobrança, alertas, os preconceitos e incentivos relacionados ao bom comportamento que se estabeleceram no convívio nos grupos de sociabilidade¹⁵¹.

As questões morais delineavam corpos, lugares e modos, sendo ensinados desde a infância através de brincadeiras e comportamentos, permitidos e reprovados para ambos os gêneros, passando para a juventude, com leituras para moças casadouras e o estímulo ao imaginário do príncipe encantado. A vigilância e cobrança em relação à boa conduta feminina eram controladas não somente pela

¹⁴⁹ LEÔNICIO, Raimunda Diva Nobre Guimarães. Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa. Picos, 2017.

¹⁵⁰ Ídem.

¹⁵¹ SILVA, Maria Carolina Silva Martins da. *Nas veredas dos discursos moralistas: a honra das mulheres em Feira de Santana, Bahia (1960-1979)*. 2009. 163f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2009, p. 81.

família, mas pela sociedade. Como percebemos nas lembranças de Oneide Rocha sobre a questão do casamento e castidade feminina:

Tinha esse ritual, namorar, ficar noiva, casar, na grande maioria virgem. Porque, eu me lembro que se alguma pessoa aparecia grávida antes do casamento, Ave Maria! era um escândalo, escândalo não... Os pais que rejeitavam, era uma vergonha, era um tititi na sociedade, fulana tá grávida, fulana tá grávida, então era muito preconceito contra a mulher¹⁵².

O preconceito passava pela questão da honra feminina, que segundo Sueann Caulfield¹⁵³, estava ligada diretamente à honra da família. Ser pobre, apesar de uma maior liberdade permitida no espaço público, não configurava uma abertura para desligar-se da moralidade e do conservadorismo da Igreja Católica, apesar que as burlas aconteciam com maior intensidade nessa parcela da sociedade.

Pensar na cidade de Picos na década de 1960 seria o mesmo que pensar numa cidade que tentava incorporar a modernidade, embora ainda se mostrasse presa a tudo que se fazia contrário ao mundo moderno, relata Marina Luz¹⁵⁴:

Pensar a década de 1960 é pensar em uma Picos abraçando a modernidade. É pensar nos desvios de padrões, em uma sociedade cheia de sonhos e desafios. É pensar também nas reações contrárias à modernidade, principalmente do setor mais tradicional da sociedade da época, a Igreja Católica, que temendo perder sua popularidade passou a ditar regras para continuar formando moças ideais para constituir casamento em moldes cristãos, longe do mundano e da modernidade que se aproximava ao profano¹⁵⁵.

Com as transformações urbanas, dentre elas as novas formas de lazer, os novos pontos de encontros que surgiram nas cidades nessa época diminuíram um pouco as distâncias até então estabelecidas entre homens e mulheres. Embora já se observasse mudanças nas regras e práticas sociais de forma lenta, na própria convivência da família e, mesmo do convívio nas ruas, ainda prevalecia aspectos tradicionais das relações de gênero, ocorriam ainda uma distinção de papéis baseados no gênero, a exemplo da castidade feminina para o casamento, enquanto

¹⁵² ROCHA, 2016.

¹⁵³ CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

¹⁵⁴ Luz, Marina Priscila Lisboa Araújo. *Entre Marias e Evas: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX*. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

¹⁵⁵ Ídem, p. 27.

que para os homens não existia essa cobrança, e assim, fazia-se uma diferenciação da moral sexual para homens e mulheres.

Segundo Pinsky, o modelo de família até 1965 que prevalecia ainda era o modelo conjugal. Onde se observa um grande domínio dos padrões tradicionalistas no casamento em si, sendo ainda notável o poder de dominador da figura masculina sobre a figura feminina, que inferiorizavam a imagem das mulheres limitando-as apenas ao papel de mãe e esposa dedicada ao lar e à educação da prole.

Os padrões tradicionais de casamento, entretanto, mantêm-se com toda sua força até 1965. A autoridade máxima ainda é conferida ao pai, “o chefe da casa”, e garantida pela legislação que reconhece o trabalho masculino como a principal fonte de recursos da unidade doméstica. As leis também enfatizam a imagem da mulher exclusiva ou prioritariamente dedicada ao lar e à procriação¹⁵⁶.

Em Picos, nas experiências de mulheres pobres havia uma certa quebra de padrões, em que muitas delas não desempenhavam apenas os papéis de mãe, esposa e dona de casa, mas sim, se colocavam no papel de provedoras do lar, por não estarem associadas a uma figura masculina. Outras, como visto nos depoimentos das mulheres dessa pesquisa, também se inseriam no mundo do trabalho com uma renda auxiliar aos proventos do marido. É preciso trazer à tona que os salários das mulheres trabalhadoras eram mais baixos do que de homens trabalhadores.

As atividades das *mulheres populares* desdobravam-se em sua própria maneira de pensar e de viver, contribuindo para que procedessem de forma menos inibida que as de outra classe social, o que se configurava através de um linguajar ‘mais solto’, maior liberdade de locomoção e iniciativa nas decisões. Seus ganhos estavam na última escala, já que persistia a ideologia dominante de que ‘a mulher trabalha apenas para seus botões’, desdobramento das concepções relativas à inferioridade feminina, incapaz de competir em situação de igualdade com os homens¹⁵⁷.

Para as mulheres de condições econômicas mais elevadas esses padrões ainda se faziam vigentes. Em depoimento, o bancário aposentado, José Rodney, rememora:

¹⁵⁶ PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 1997, p. 18.

¹⁵⁷ SOIHET, Raquel. Mulheres Pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary del (Org.). História das mulheres no Brasil. 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011, p. 367.

O clássico casamento é o da mulher submissa, e existiam esses casais, entendeu, mas eu tive muitas professoras casadas, mães de família, entendeu, e que ajudavam na criação e educação dos filhos, entendeu. Muito embora o marido também tivesse boa condição, fossem comerciantes, entendeu¹⁵⁸.

Como discutido no capítulo anterior sobre o mundo do trabalho, percebemos que profissões que associavam-se aos cuidados de mãe, eram socialmente aceitos para as mulheres de classe média e alta, como é o caso do ser professora. Entendemos que as mulheres que desenvolviam esta profissão nas décadas de 1960 e 1970 em Picos eram provenientes de famílias não-pobres, pois a escolarização em graus mais elevados, neste momento, ainda não abarcava os pobres.

O modelo de mulher ideal era de boa filha, bem educada, moças virgens, recatadas e de bons modos, como normatizava a sociedade para que então conseguissem um bom casamento. Após o matrimônio, a mulher tornar-se-ia uma boa esposa, boa mãe, boa dona de casa, modelo criado e estabelecido há muito pela Igreja Católica¹⁵⁹, mediante o seu modo de controle social. Para tanto, nesse período das décadas de 1960 e 1970 em Picos já se faziam presentes debates acerca do ser feminino, que estavam ocorrendo também no resto do Brasil e no mundo, surgiram muitas mudanças no modo de pensar, sobretudo das mulheres. Para tanto ainda prevalecia uma grande resistência no que se refere pensar a mulher de forma mais ampla, permanecendo uma forma de pensar a mulher limitada, apenas como mãe, esposa, dona do lar. Para Oliveira:

Percebemos que, mesmo os sujeitos picoenses compartilhando dos constantes debates que ocorriam no Brasil e no mundo sobre a condição do ser feminino, os discursos que prevaleciam na cidade de Picos em torno da mulher as condicionavam como naturalmente esposa, mãe e dona-de-casa¹⁶⁰.

A respeito das mulheres das classes populares se observa uma menor preocupação com a questão da sua própria honra. Entendemos assim, que as mulheres pobres, nesse sentido, tem uma liberdade maior acerca de sua

¹⁵⁸ BRITO, *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*. 2017.

¹⁵⁹ Para saber mais sobre a polarização entre Maria e Eva, ler: CATONNÉ, Jean- Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

¹⁶⁰ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960*. Teresina, 2012, p. 9.

sexualidade, visto como uma desordem na vida moral, por não se deixarem prender à preocupação com a honra, por falta de um entendimento maior sobre ou mesmo por não terem a mesma preocupação com em arranjar um bom casamento com um homem que seria ideal, como era de fato para as mulheres de melhor condição financeira. Assim como ressalta Brito:

Mas é comum a gente observar ainda hoje, eu percebo isso que nas classes economicamente menos favorecidas, sem muito esclarecimento existe uma promiscuidade maior, entendeu. Existe muita ah, eh, leviandade com relação a moral sexual e isso vem à falta de informação, vem a gravidez indesejada, vem os filhos, os desajustes, entendeu¹⁶¹.

Vale ressaltar que o casamento para as mulheres pobres eram movidos por gostar, pelo amor romântico, não existia uma forte preocupação com o que as possibilidades financeiras de seus pretendentes, o amor era uma condição para casar-se. Assim, se faz importante enfatizar que nessa época pesquisada, eram a maioria das moças pobres que escolhiam os rapazes para contrair o matrimônio. Elizangela Cardoso ao debater sobre os casamentos na primeira metade do século XX em Teresina, afirma que naquelas décadas “as escolhas conjugais eram atribuição familiar. Cabia, sobretudo, ao pai escolher o futuro cônjuge das filhas e dos filhos. O prévio sentimento mútuo era então considerado de menor importância”¹⁶². Nos anos de 1960 e 1970 em Picos, percebemos entre as família populares, a prevalência do amor romântico e da escolha, como rememora nossa entrevistada:

As moças pobres, coitadas, elas casava mais só por simpatizar, simpatizou com o namorado casava, não tinha esse negócio de dizer que tinha condição não. “Pudia” ser na “igualia” delas elas num “tava” escolhendo assim a condição não né, elas num tinha isso não. Uma de nós se fosse cassar namorado num “tava” perguntando se ele tinha um emprego, num tava perguntando se ele andava bonito, se ela simpatizou pronto!¹⁶³

Esse se fez um período de mudanças, no modo de pensar e ver a mulher e o seu papel na sociedade, embora ainda com traços muito conservadores. As

¹⁶¹ BRITO, José Rodney Leal. *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*. Picos, 2017

¹⁶² CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. 535 f. Tese (Doutorado em História Contemporânea II) – UFF, Niterói, 2010, p. 299.

¹⁶³ GONÇALVES, Dionísia Conceição. *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*, Picos, 2016.

mulheres começavam a buscar o que desejam para suas próprias vidas, e assim passavam a viver as suas vidas como próprias, e muitas foram em busca de seus sonhos, mesmo que distante. Embora ainda prevalecesse uma resistência dos que defendiam os padrões tidos como ideias para o ser mulher, sejam elas ricas ou pobres.

Ao buscar por fontes sobre o casamento do período de 1960 e 1970 podemos observar o seguinte ponto: nos periódicos em estudo apenas eram trazidas como notícias cerimônias religioso do casamento de famílias ricas. As moças de família pobre não tinham seus casamentos noticiados em jornais e nem mesmo em revistas da época. Enquanto o casamento de filhos de famílias ricas eram trazidos como um grande evento tendo seus registros nos meio de comunicação. Nesse sentido, se observa através de Sônia Andréa, do jornal *A Voz do Campus*, a realização de:

Um ritual muito bonito, com traços de cerimônias militar, civil e regional realizou-se quarta-feira passada, dia 6, a cerimônia de casamento dos jovens Sebastião Brito e Ângela Ferreira de Almeida, na Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios de Picos, às 20 horas. O noivo que ocupa o posto de Capitão do Exército e a função de Tesoureiro do 3º Bec é filho de Antônio Capistrano de Freitas e Maria Tereza Pio de Freitas, enquanto que a noiva é filha do Ten. Cel João Ferreira de Almeida, comandante do 3º Bec, e de Da. Maria Regina Pio de Almeida¹⁶⁴.

Diante da passagem da reportagem do *A Voz do Campus*, se faz necessário frisar que os casamentos eram realizados entre famílias de uma mesma condição social, desde os séculos anteriores essa era uma prática que permitia perpetuar as posses dessas famílias e manter o status social. Talvez, uma das possíveis respostas do não noticiamento de casamentos de casais pobres seja porque o público que se destinava o jornal não é a classe popular, portanto, a construção do jornal dizia respeito aos interesses daqueles que o consumiam, sobretudo as pessoas de melhor condição financeira e letradas.

Ainda podemos analisar outra questão: enquanto as mulheres de melhor condição financeira realizavam festas em comemoração aos casamentos, a maioria das mulheres pobres nem casavam oficialmente, era muito comum “juntar-se” ou “amancebar-se”, devido ao alto custo das despesas matrimoniais¹⁶⁵.

¹⁶⁴ ANDRÉA, Sônia. *Fatos Sociais. Voz do Campus*. Picos-PI, 8 de dezembro de 1972, p. 5.

¹⁶⁵ SOIHET, Raquel. *Mulheres Pobres e violência no Brasil urbano*. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011, p. 368.

As mulheres de condição financeira faziam festas, pra casar. O casamento era um evento. E as mulheres pobres se hoje é difícil, mas hoje eu digo que tem uma certa, uma certa igualdade. Por exemplo, hoje as meninas elas casam bonitas, se tiver um “poderzinho” aquisitivo melhor faz uma festa, tem quem faça a festa, quem faça as comidas. Antes só tinha direito de comer os cremes, os bolos, pessoas que tinham um poder aquisitivo, que faziam dentro de casa. Você não encontrava assim pra comprar, havia muita diferença do casamento de uma pessoa de melhor poder aquisitivo¹⁶⁶.

Diante disso, podemos destacar que as mulheres pobres não tinham condições financeiras de realizar festas de casamentos, podemos ainda acrescentar que essas mulheres casavam com homens de uma mesma condição social. Logo, percebemos que as mulheres pobres estavam encadeadas em meio a muito preconceito. Para melhor entendimento, analisemos a lembrança de um episódio presenciado por Oneide Rocha:

Eu tava na igreja, aqui na Catedral, numa missa de sete horas da noite que era o horário de casamento, tinha acabado de sair um casamento de uma pessoa rica, vamos chamar assim, pessoa de classe média alta. A igreja tava toda enfeitada de tapete com flores e tudo, ai de repente, ai saiu o casamento foi embora, mas a igreja ficou enfeitada, né. Ai de repente eu vi uma noiva, uma menina negra assim, noiva bem simplesinha passando por a porta do lado da igreja como se fosse correndo, ai eu chamei ela, eu vi e fui lá e chamei, “vem cá, por que tu tá passando por aqui?”. “Não porque eu vou casar e cheguei aqui na igreja e tô vendo que essa igreja não é pro meu casamento, não é pra mim, aí eu num vou entrar ai não”. Eu disse não, volte! Essa igreja foi preparada pra outro casamento que já saiu e agora é o seu, você vai entrar por ai, mas ela não queria. Quer dizer, você vê o tamanho da discriminação, né. E agora, foi ainda nos dois mil, foi muito distante não. Você imagine na década de sessenta e setenta como as pessoas se sentiam discriminadas¹⁶⁷.

Um episódio que embora tenha ocorrido já no século XXI nos ajuda que compreendamos o tamanho do preconceito e da discriminação que rodeava muitas mulheres pobres em meio às décadas de 1960 e 1970, em Picos. Percebe-se no trecho acima que a população pobre era levada a apropriar-se de um imaginário de inferioridade, onde a percepção de si como menor e a conservação da separação tradicional e hierárquica entre as camadas sociais era constantemente reforçadas, como nesse acontecimento em que a moça foge da igreja por acreditar que não poderia casar com toda a pompa que havia sido preparada para uma cerimônia de

¹⁶⁶ ROCHA, 2016.

¹⁶⁷ ROCHA, 2016.

casais com maior condição financeira, sentindo-se como quem não fazia parte daquele contexto.

Contudo, percebemos que no período em estudo a sociedade estabeleceu um perfil de mulher ideal para conseguir um casamento dentro dos padrões tradicionalistas. Entendendo, que as mulheres pobres já não se prendiam a seguir os mesmo padrões e valores morais de comportamentos estabelecidos de forma a transformar as mulheres objetos de exclusividade da figura masculina, Para tanto, eram seguidos pelas mulheres de melhor condição financeira, atendiam com maior cuidado a esses padrões sociais. Logo se observa que no casamento das mulheres pobres prevalecia um pouco mais de liberdade no modo de relacionar-se, pois não seguiam as regras da mesma maneira como eram estabelecidas.

3.2 “Os Desvios de Padrões”: as Celibatárias

Como em Picos ainda não tinha uma educação que pudesse formar profissionais da educação, era necessária a ida de muitas jovens para a capital do estado do Piauí, Teresina e, também para estados vizinhos como, Ceará, que ofereciam o ensino para a formação de professores, como o curso Normal Superior. Então esse era o destino de muitas moças em que seus pais tinham uma melhor condição financeira e as mandavam para estudar e formar-se professoras. Rocha relata:

Eu terminei o ginásio com quinze anos, né, e com dezesseis anos, fui estudar no Crato-CE, interna do Colégio Santa Tereza de Jesus, e eu queria trabalhar, terminei meu curso de professora. Logo que cheguei em Picos, em março, em março de sessenta e seis ,com dezanove anos eu comecei a trabalhar¹⁶⁸.

Diante disso, podemos relatar que aquelas que tinham essa oportunidade eram as moças de melhor condição financeira, enquanto que as moças pobres, assumiam profissões ainda baseadas na vida doméstica, era a “Precisão, necessidade”¹⁶⁹ de vida dessas mulheres e de suas famílias que as encaminhavam para o trabalho de servir os que poderiam pagar pelos seus serviços, mesmo que recebendo pequenos salários.

¹⁶⁸ ROCHA, 2016.

¹⁶⁹ SOUSA Luisa Amélia Irineu de. *Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa*. Picos, 2016.

A escolarização, sem dúvida, se fez uma ferramenta muito importante para que as mulheres conseguissem fugir das amarras domésticas, e seguissem uma vida profissional, pois muitas moças direcionaram suas vidas para estudos e trabalho, afastando-se dos papéis essencialmente domésticos. A respeito disso, Marina Luz traz um relato de uma de suas depoentes, Mundica Fontes:

Meu pai era o que me incentivava mais para os estudos. Minha mãe, como ela tinha uma visão muito estreita assim e era doméstica, que as mulheres na época eram criadas para prendas domésticas, costurar, bordar, cozinhar, que eu nunca gostei de cozinha, ainda bordar, me colocou em curso de bordado, eu aprendi bordar, costurar também, mas eu não tinha muita queda por costura, assim, mas eu ainda fazia algumas coisas assim, mas eu me identifiquei com o bordado, aprendi crochê, bordado e eu bordava muito, enxoval de criança, enxoval quando as pessoas me procuravam, eu bordava muito bem! Mas eu, prendas domésticas eu detestava sempre, até hoje, não gosto de cozinha, mas minha mãe incentivava pra esse lado, ela não queria que eu fosse estudar. *Dizia: Estudar é besteira, basta fazer só o que ta bom, chegou o ginásio, pra que fazer Normal? Não sei o que. Mas ai meu pai dizia, mas é tem que se formar!.* [grifo nosso]¹⁷⁰.

Diante dessa afirmação, logo percebemos que existiam mulheres que já se mostravam insatisfeitas em manter-se no ambiente doméstico, por não gostar de realizar os afazeres domésticos, dando preferência pelo estudo, o qual era um estímulo maior para afastar-se das atividades do lar.

Ainda sobre a educação, as mulheres pobres não tinham as mesmas oportunidades que as de melhor condição financeira, muitas carregavam o grande sonho de ter uma educação melhor, mas não conseguiam realizar, devido a necessidade de trabalhar para subsistência. Amélia Irineu pondera sobre ter frequentado escola:

Frequentei, fiz até “mei” do terceiro ano. Eu gostava de estudar, adorava, se eu não tivesse, se meus pais tivesse condições eu tinha conseguido estudar assim alguma coisa, mas num tinha, vontade eu tinha de aprender ler bem. Sei ler muito bem não, mas sei fazer “meno” meu nome¹⁷¹.

¹⁷⁰ MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016. Luz, Marina Priscila Lisboa Araújo. *Entre Marias e Evas: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX– 2016*. Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

¹⁷¹ SOUSA, 2016.

Isso nos faz perceber que as mulheres pobres assim como as ricas tinham o desejo de estudar, embora não tivessem condições financeiras de manter-se no estudo, pois a sua prioridade era trabalhar desde novas o que as distanciavam de ter uma vida melhor. Vale também ressaltar que muitas mulheres tiveram uma maior preocupação de estudar e ter uma vida profissional, optando em manterem-se solteiras.

Mesmo arriscando ficarem vistas com maus olhos na sociedade, as mulheres que optavam por seguir uma vida sem amarras do casamento, diante dos olhares de uma sociedade ainda voltada para os ideais da mulher, casada, mãe e cuidadora do lar, ou seja, não assumindo esse papel estariam praticando o Celibato, e assim se desviando dos padrões vigentes da época. Essa escolha era de fato uma maneira de saírem do meio privado para o meio público.

Segundo Oliveira, com o escolarização a figura feminina no período tornou-se mais exigente na busca pelo indivíduo ideal para um relacionamento, ou seja, as mulheres agora passam a escolher seus pretendentes, exigindo homens mais inteligentes para o matrimônio. Reforçando essa ideia, Mundica Fontes nos dá seu parecer sobre a sua exigência quanto ao homem ideal:

A idade foi chegando, o tempo foi passando e foi ficando mais difícil e eu muito exigente... Não era que eu queria homem bonito nem rico, mas homem burro pra mim não dava, tinha que ser um homem muito inteligente e eu também não gostava de homens que bebesse nem fumasse, e naquela época só mostrava se era homem se bebesse ou fumasse¹⁷².

Para tanto, muitas vezes essas mulheres não encontravam o homem ideal e com isso permaneciam solteiras, e com uma nova educação surge também muitos questionamentos acerca do papel da mulher no meio social, passando nesse momento a questionar a submissão feminina à figura masculina. De acordo com Oliveira:

O estudo aumentava a exigência das moças, que procuravam rapazes cada vez mais inteligentes para se relacionar. Uma maior instrução levava ainda essas moças a questionar a submissão imposta à mulher com a prática do casamento. Essas moças queriam liberdade, poder fazer escolhas, ter vontade própria. Optavam apenas por trabalhar e continuavam, muitas vezes, ao lado da

¹⁷² MOURA, Raimunda Fontes de. *Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz*. Picos, 2016.

família, ajudando e cuidando dos pais. Algumas permaneceram solteiras por não conseguirem se desprender dos laços fraternais¹⁷³.

Partiremos então para analisar como as mulheres solteiras viviam diante dos olhares de uma sociedade ainda muito tradicionalista, considerando-as como jovens “desviantes”. Sendo assim, entendemos que essas mulheres eram tratadas com muito preconceito e discriminação, que pode ser notado até pela forma de tratamento, atribuindo-as muitos apelidos. Segundo Brito, eram “as populares solteironas, as coroas, as ratas de igreja, as beatas”¹⁷⁴. Assim era a forma como eram taxadas as moças que não se contraíam matrimônio. Essas moças eram colocadas à margem da sociedade, não frequentando os mesmos espaços das outras moças. Diante disso, Rocha acrescenta que:

As que não casaram? Primeiro era balzaquiana¹⁷⁵, a palavra era balzaquiana, era a moça velha, era a tia e, ainda mais até elas começavam, eu me lembro que aqui tinha umas moças que elas eram muito influentes, no sentido de participar de eventos e tudo, mas na época, hoje é que eu vejo, elas tinham trinta e poucos anos, quarenta anos, não eram casadas, mas já não passeavam mais na praça, como as jovens. Elas ficavam num tem a loja Noroeste ali. E ali era um hotel, era o Picos Hotel, era ali naquela esquina, então elas ficavam naquela esquina, toda noite elas vinham pra esquina¹⁷⁶.

Mediante uma sociedade ainda carregada com pensamentos tradicionais, as mulheres solteiras não eram vistas com bons olhos. Embora essa fosse uma opção por não conseguir se desapegar dos laços familiares ou mesmo por não encontrar o homem ideal, e acabavam por não constituir o matrimônio. Desse modo, para sociedade essas mulheres estavam fugindo das regras até então estabelecidas pelo padrão de comportamento da época, assim, eram vistas como desviantes dos padrões atribuídos à figura da mulher:

Mas, mediante tudo isso, ser solteira por preferência ou por consequência não era visto com bons olhos, em uma sociedade

¹⁷³ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960*. Op. cit., p. 9.

¹⁷⁴ BRITO, 2017.

¹⁷⁵ Balzaquiana é um adjetivo que qualifica a mulher de trinta anos de idade. A expressão “mulher balzaquiana” teve origem após a publicação do romance “A Mulher de Trinta Anos”, do escritor francês Honoré de Balzac. A expressão “mulher balzaquiana” passou a fazer referência ao universo feminino da mulher de trinta anos de idade. Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=balzaquiana+significado>. Acessado em 05/02/2017.

¹⁷⁶ ROCHA, 2016.

ainda tão tradicional e patriarcal. Uma mulher de família era educada para casar-se, ser uma boa esposa e conseqüentemente ter filhos e cuidar do lar, então qualquer comportamento que desviasse desses preceitos eram tidos como maléficos para a sociedade¹⁷⁷.

Essas mulheres buscaram os estudos para que assim pudessem ter a oportunidade de assumir uma profissão, como a de Professora, e assim sair do ambiente doméstico e viver uma vida pública. O estudo e a preocupação com a uma vida profissional bem sucedida foi um dos motivos que conseqüentemente levaram muitas jovens a seguir outros caminhos, diferentes do caminho ideal que era estabelecido para elas. Existiram as moças que não formaram uma família, permanecendo solteiras com o desejo de tornar-se livres das amarras domésticas.

No entanto, segundo destaca Oliveira, em Picos muitas jovens tiveram a aceitação dos pais de estudar o curso Normal, que na verdade era uma educação que as aproximava e motivava a seguir a educação realizada no meio doméstico.

O destino educacional para as moças, quando concedido pelos pais, era a *Escola Normal*, pois, apesar de possibilitar uma saída do aprisionamento do lar, preparava-as para a profissionalização, mais permitida e impregnada na condição feminina, a de ser professora. Esta se configurava em um jogo de relações; o ser professora aproximava as moças do ser mãe, por meio do cuidado que estas deveriam ter com seus alunos¹⁷⁸.

Corroborando com o pensamento de Oliveira, compreendemos que as moças depois de formadas seguiam o magistério por se fazer uma profissão que muito se equiparava à função de mãe e educadora do lar. Diante da ideia de que o casamento era o caminho a ser seguido em direção à maternidade, esse era o que de fato se transferia à imagem feminina. Vale ressaltar que muitas jovens não contraiam o santo matrimônio.

De acordo com Maia¹⁷⁹, a família conjugal que ao longo dos anos foi constituída pelo matrimônio burguês, tornou-se uma estratégia para instituir o controle e disciplina na vida cotidiana e, sexualidade reprodutiva, bem como para uma produção de modelos de homens e mulheres marcados pelas diferenças de

¹⁷⁷ Luz, 2016.P.35.

¹⁷⁸ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940 – 1960*. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado de História do Brasil). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2014, p. 44.

¹⁷⁹ MAIA, Claudia Jesus. *A invenção da Solteirona: Conjugalidade Moderna e terror moral-Minas Gerais 1890-1948*. p. 14.

gênero. Assim, a mulher que seguia a vida do celibato logo estaria indo contra o padrão estabelecido como modelo ideal de família, passando a serem figuras marginalizadas pela sociedade. Para Maia:

As celibatárias emergiram como figuras marginais quando esse modelo de família tornou-se central. A *solteirona* foi a chave para perceber processos de subjetivação feminina e a constituição de um dispositivo de controle e coerção sobre as mulheres na modernidade brasileira, para assegurar a família, a conjugalidade moderna e a sexualidade reprodutiva¹⁸⁰.

Então, entendemos que o casamento seria uma estratégia para tentar controlar a vida das mulheres, diante da preocupação de ao praticar o celibato, logo poderiam querer seguir uma vida de autonomia e, conseqüentemente ter uma vida profissional passando a emergir no mercado de trabalho. Diante disso, torna-se evidente que a tentativa de tornar as mulheres esposas, através de “mecanismos de coerção”, seria essa uma maneira de controlá-las e tornando-as mais submissas. Assim, segundo Maia:

Os mecanismos de controle se engendraram, sobretudo, por meio do casamento legítimo, por isso, fora do casamento as celibatárias poderiam experimentar uma vida mais autônoma, constituir-se em indivíduos jurídicos e aderir, sem impedimentos legais, ao mercado de trabalho. Os mecanismos de coerção foram acionados para convencer as mulheres a se tornarem esposas, pois nesta condição elas poderiam ser mais controladas¹⁸¹.

Corroborando com Maia, esses mecanismos de controle, foram utilizados como uma maneira de tentar mudar a situação de mulher solteira, ou seja, de tirá-las da vida de celibatária para a vida de casada. Tentando convencer as celibatárias que o seu ideal seria seguir o matrimônio, ser mãe, seguindo uma vida dentro dos propósitos de construção da família.

Diante do discurso de que a vocação das mulheres seria o casamento e, assim, defendendo a ideia de que as mulheres casadas tinham privilégios, que as solteiras não tinham, usando, pois a justificativa que as mulheres solteiras eram mulheres invejosas, maldosas, frustradas, que apresentavam uma personalidade doentia, se fazem formas de tentar coagir as mulheres solteiras ao casamento.

¹⁸⁰ MAIA, p. 14.

¹⁸¹ Ídem.

Era defendida também a ideia de que as mulheres solteiras não tinham vida social, sendo colocadas em último lugar na escala social, ou seja, era colocada à margem da sociedade, sendo assim, eram tratadas como inferiores às outras mulheres da sociedade. Diante do que é exposto em Maia: “Mulher solteira não tem projeção social. Conheci uma senhora que dizia com muita graça: na escala social primeiro existe a mulher casada, em segundo lugar a viúva, em terceiro lugar a desquitada, em quarto lugar a prostituta, em último lugar....a solteirona.”¹⁸²

Nesse sentido, compreendemos que as mulheres solteiras pobres também não possuíam projeção social, algumas permaneciam residindo nas casas de seus patrões, sendo consideradas como parte da família, contudo sem ter os mesmos direitos dos demais membros, elas estavam ali na condição de empregada doméstica, presas ao meio doméstico, sem lazer. Dessa forma não construíam uma vida em sociedade e não tinham nenhuma seguridade de vida. Segundo Rocha:

E também a mesma coisa era as moças pobres, terminavam dentro das casas de patrões, como se fosse da família. Não, fulana é uma pessoa da família, não tinha nenhum direito social, resta dizer que as domésticas não tinham e hoje tem. Então, não tinham nenhum direito social, geralmente as mulheres de mais idade que não casavam se submetiam ficar dentro da casa de onde foi trabalhar desde jovenzinha, porque ela não tinha pra onde ir, a família não tinha condição, ela não tinha lugar pra morar, ela não tinha marido, ficava na casa do patrão até morrer¹⁸³.

E assim se constituía a vida das mulheres solteiras pobres na Cidade de Picos no período de 1960 a 1970, onde caminhavam para uma vida sem perspectiva, não conseguindo se libertar do mundo doméstico, da vida privada, assim como já foi destacado anteriormente, eram mulheres sem projeção social, ficando à margem da vida em sociedade.

Com a modernidade e, conseqüentemente, os novos modelos de sociedade, surgira uma grande diferença nos modos de comportamentos femininos. O início da década de 1960 se fez um período de mudanças no modo de pensar das mulheres das famílias economicamente mais elevadas que passam não apenas a se preocupar com os cuidados do lar, mas, sobretudo com os seus próprios corpos, através, pois de métodos preventivos, como forma de planejamento de suas famílias. Nesse sentido, podemos observar que a Igreja irá se preocupar com o

¹⁸² MAIA, p. 19.

¹⁸³ ROCHA, 2016.

surgimento desses novos modos, passando a lutar contra os padrões de mundo moderno.

Mas a partir de 1960, quando os papéis de boa moça, boa filha e boa mãe passaram a serem questionados, os cuidados que até então era apenas com o lar passaram a ser transformados/divididos com os cuidados com o seu próprio ser, com o corpo, assim como também algumas mulheres passaram a defender o amor livre, o direito ao prazer e a ter domínio sobre a sua vida, principalmente, através do uso de métodos anticoncepcionais que permitiam a estas decidirem e planejarem quantos filhos teriam, além de escolher o tempo certo para tê-los, ou mesmo se desejariam tê-los, a produção historiográfica também assumiu o objeto *mulheres*, como uma possibilidade de construção de conhecimento¹⁸⁴.

Esse se fez um período de grandes transformações no modo de viver de homens e mulheres, mas, sobretudo, do modo das mulheres vislumbram como possibilidade ser sujeitos participativos do meio social, como construtoras de seus próprios conhecimentos, passando a ver-se como ser que pode ser dissociável a família.

Nesse contexto, a alternativa de mulheres seguirem o celibato, pode ser pensada como uma maneira de resistência aos modelos idealizados, construídos ao longo dos anos acerca do ideal da mulher, sejam elas as de famílias ricas ou pobres. Uma visão estereotipada das mulheres, que determina o que seria de fato certo para elas seguirem e tornarem-se mulheres ideais, determinando, pois, os seus papéis perante a sociedade, na qual as excluía do meio social.

3.3 Perante a Palavra de Deus: o divórcio

Com os novos modelos de sociedade, ocorre, pois, o surgimento do divórcio e, conseqüentemente uma grande preocupação da Igreja por estar perdendo sua força em meio à sociedade. Assim, defendiam que o divórcio poderia causar males para a sociedade de então. Ainda com o pensamento de que o casamento deveria durar para sempre, ou “até que a morte os separe”.

¹⁸⁴ OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960*. Op. Cit., p. 4.

No entanto, essa apreensão com o questionamento do casamento tradicional, se fez diante da preocupação da conseqüente emancipação feminina. Assim sendo, a Igreja passa a buscar modos de seguir mantendo seu controle.

O jornal *O Dominical*, em edição publicada em 1960, trata de um dos males para a formação da família patriarcal, o divórcio, utilizando-se da matéria para tornar evidente a importância do vínculo matrimonial, apontando o povo que se posicionava contra como bons e fieis à Igreja, defensores da honra e das tradições cristãs. Essa era uma forma de tentar evidenciar a importância do matrimônio e mostrar a não aceitação do divórcio que se fazia em grande maioria. Assim:

O divórcio não encontra amparo no meio social brasileiro. A grande maioria da comunidade patricia guarda o sentimento de honra das nossas tradições cristãs. Em toda parte, na vasta extensão do nosso território, de um extremo a outro do País, o povo bom e fiel à Igreja repele a ideia da dissolução do vínculo matrimonial¹⁸⁵.

Percebemos no trecho retirado do discurso do jornal que a Igreja se sentia ameaçada pela então tentativa e aprovação do divórcio, que passara a ser uma alternativa legal, aprovada em 1977, a Lei n. 6.515/77¹⁸⁶. No entanto, como o exposto, o divórcio estava sendo de fato negado pela sociedade brasileira ou, apenas se fazia a vontade e desejo da própria Instituição, na tentativa de manipular, e de disciplinar as pessoas da época com a ideia de que eram algo pouco aceito por se fazer contrário às tradições Cristãs. Segundo Almeida:

Para o Brasil, um dos países que figurava entre os mais aferrados à indissolubilidade do vínculo matrimonial, é compreensível que sua primeira lei de divórcio refletisse os compromissos necessários para incorporar as tradições legais, sociais e religiosas. As fortes resistências, sobretudo as de cunho religioso, barraram, por décadas, o ingresso do divórcio no ordenamento jurídico brasileiro¹⁸⁷.

Conforme vimos, o divórcio para a Igreja Católica era algo inaceitável, compreendo que a luta da igreja pela não aprovação da lei do divórcio tenha de fato

¹⁸⁵ CONTRA, O Divórcio. *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, nº 24, 12 de junho de 1960, p. 2.

¹⁸⁶ Lei n. 6.515/77, conhecida como Lei do Divórcio ou Lei Carneiro., pois foi Nelson de Souza Carneiro, que desenvolveu todas as iniciativas para a retirada do princípio da indissolubilidade do casamento da Constituição Federal de 1951 a 1977, aprovada em 1977. Ver mais em: Almeida, Maria Isabel de Moura. *Rompendo os vínculos, os caminhos do divórcio no Brasil: 1951-1977*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2010.

¹⁸⁷ Almeida, Maria Isabel de Moura. *Rompendo os vínculos, os caminhos do divórcio no Brasil: 1951-1977* [manuscrito] 2010. Orientador: Prof. Dr. Noé Freire Sandes. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2010, p. 158.

retardado por muitos anos o divórcio no Brasil. Diante disso, podemos compreender que a Igreja Católica exercera grande pressão, por parte da mesma em não aceitar que o Estado instituísse a indissolubilidade ao patamar de preceito constitucional.

Assim sendo, através de edições de periódicos de cunho religioso, a Igreja passa a alertar sobre os “perigos e males” causadores pelo divórcio. Em edição de 18 de dezembro de 1960, o jornal *O Dominical*, traz o divórcio como um mal que estava “corroendo o futuro da família”¹⁸⁸, na qual estava em “eminência de um colapso, por corroer as relações domésticas”¹⁸⁹.

Diante disso, a Igreja, por meio do periódico piauiense, corrobora com a ideia de que a verdadeira e segura estabilidade de toda sociedade humana reside na “indissolubilidade do vínculo conjugal”¹⁹⁰, ou seja, se o casamento se dissolver, a família chegará ao fim, acabará e toda a sociedade se extinguirá.

E é nesse sentido que em mesma edição, *O Dominical* trata o divórcio como uma desordem familiar que havia atingido muitos países, com os males infectuosos dos divorcistas, denominada pela edição como uma terrível “chaga social”¹⁹¹.

Logo percebemos que toda essa questão acerca do surgimento do divórcio era atribuída de forma geral para as todas as camadas da sociedade. Embora as moças pobres não seguissem os parâmetros com tamanha rigidez que as de famílias ricas, por serem menos presas como as mulheres de “família” que deveriam manter padrões de comportamento, ainda tinham a preocupação de tornarem-se maus vistas pelas outras pessoas.

Como foram discutidos em outros momentos desse trabalho, muitas mulheres pobres não oficializavam a sua união matrimonial por não terem recursos financeiros para pagar esse meio de oficialidade, e o mesmo acontecia com o divórcio. Não existia uma preocupação com o divórcio, primeiramente por ser um processo muito caro, mas vale ressaltar que as mulheres pobres se separavam deixando de viver no mesmo teto que seus conjugues.

¹⁸⁸ O Mal do Divórcio. *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, nº 52, 18 de dezembro de 1960, p. 1.

¹⁸⁹ Idem, 1960.

¹⁹⁰ Idem, 1960.

¹⁹¹ Idem, 1960.

3.4 A Anticoncepção: a Igreja condena os métodos contraceptivos

Além do divórcio, a Igreja também condenava a anticoncepção. Diante da construção do pensamento de que a maternidade é uma identidade feminina na qual não poderia ser impedida, carregada pela construção da imagem das mulheres ligada ao papel de mãe, casada, responsável com os cuidados dos filhos e da casa. A mulher depois do casamento deveria encaminhar-se para o mundo maternal, a procriação era um dever que deveria ser exercido para a construção da família.

Segundo o Cardeal Câmara Cardeal Dom Jaime Câmara, teólogo do Papa esclarece em “A Voz do Pastor” sobre o aparecimento de algumas interpretações a respeito dos meios anticoncepcionais, após a realização do Congresso Mundial de Fertilidade, realizado na Guanabara, “começam a aparecer algumas interpretações” no que se refere aos meios anticoncepcionais, onde os defensores do método buscaram a aceitação da Igreja diante da sua grande influência na vida da população.

Nesse sentido, por meio do jornal *O Dominical* fica evidente o quanto a Igreja Católica era contra a anticoncepção. Por isso, a Igreja passa a condenar esse método diante do pensamento de que com a anticoncepção estaria impedindo a natureza feminina, dada por Deus, de gerar frutos. A procriação é tratada como um ato sagrado para os ensinamentos católicos e impedi-la tornar-se-ia uma ação imoral. O Cardeal Dom Jaime Câmara, em edição do *O Dominical* nos dá o seguinte parecer:

Atender a tais apelos seria rebaixar vossos conhecimentos e vossa capacidade, tornando-vos cúmplices duma ação imoral: seria a perversão do vosso apostolado. Isso exige um não calmo, porém categórico, que não permite transgredir a lei de Deus e a ordem da consciência¹⁹².

Ainda em mesma edição, em discurso breve, Dom Pio XI, define o método como um atentado que tem por finalidade impedir a procriação. Para Dom Pio XI: “Esse atentado que tem por fim impedir a procriação duma nova existência, é imoral e nenhuma indicação ou necessidade pode transformar em ato moral e lícito uma ação intrinsecamente imoral”.¹⁹³

¹⁹² *A Igreja Condena a Anticoncepção. O Dominical. Teresina, ano XXIV, 12 de outubro de 1962, p. 2.*

¹⁹³ *O Dominical. 1962, p. 2.*

Diante do exposto, compreendemos que para a Igreja com a utilização dos métodos anticoncepcionais a sociedade estaria caminhando contra os propósitos de Deus, um ato imoral que desviava os ideais vigentes da mulher, impedindo de dar continuação a outras vidas por meio da procriação. Considerando, pois, que os indivíduos deveriam ter um controle maior sobre si, e não usar medicamentos de efeitos “maléficos”. Assim buscar o controle dos corpos, disciplinados por meio da coibição das paixões, enfim, manter-se sempre disciplinado em total domínio da razão sobre o próprio corpo se fazia uma melhor opção a seguir.

Observamos o controle da Igreja na vida das pessoas, mas, sobretudo na vida das mulheres que nem mesmo poderia escolher se de fato queriam seguir a maternidade, coagindo-as com seu discurso disciplinador.

Assim sendo, o sexo para a Igreja tinha e, deveria ser exclusivamente, quando realizado com o propósito da procriação da humanidade, como representação da família conjugal. E desse modo o uso de métodos contraceptivos estaria indo contra a concepção da religiosidade Católica.

No entanto, nesse período surge a necessidade em buscar esses medicamentos, pois, as mulheres já procuram ter o controle de seus próprios corpos, assim como a necessidade de exercitar a sua sexualidade, que passam a buscar esse método como ferramenta importante para sua emancipação, pois, não cumprindo com o propósito da maternidade, as mulheres não ficavam muito presas às amarras do espaço privado.

Sendo assim, podemos pensar na cidade de Picos nas décadas de 1960 e 1970 como um período que se inicia as transformações na vida das mulheres, embora ainda se faça um período que carregado por uma dualidade, entre as mulheres que queriam seguir os padrões estabelecidos do ideal de mulher, e as mulheres que se recusavam a seguir esses padrões, sendo consideradas como jovens desviantes que passam a questionar o seu papel mediante uma sociedade ainda presa aos valores tradicionais, machistas e discriminatórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período aqui estudado nos mostra que foram grandes as transformações que o Brasil sofreu de forma geral e, com mudanças que recaíram sobre a vida das mulheres. Logo percebemos que as mulheres não se constituíram como objetos de estudos, como sujeitos participativos da historiografia, foram por muitos anos deixadas de lado, mantidas em silêncio do saber historiográfico.

Torna-se importante frisar que embora a emancipação feminina não tenha se consolidado nos anos sessenta, já podemos observar que a partir desse período, são percebidos muitos questionamentos acerca da mulher e de como a sociedade a enxergava, possibilitando, pois, o surgimento de muitas discussões.

Em Picos, a submissão feminina passou a ser questionada mais tardiamente do que no restante do Brasil, mas, nesse período já podemos perceber muitos questionamentos femininos acerca de seus papéis, que eram restritos apenas ao de mãe, esposa, ou seja, a missão da mulher era de casar-se, de gerar filhos e cuidar do lar, e buscaram outros espaços para tentar mudar o rumo de suas vidas por não se identificar com o mundo que até então era estabelecido, enquanto dona do lar, que vivera exclusivamente para o marido e filho.

Assim, passaram a romper com os padrões instituídos pela Igreja Católica, carregada de estereótipos e valores normatizadores acerca dos papéis femininos. As mulheres pobres não tinham a mesma preocupação em seguir os padrões estabelecidos. Sendo assim, as mulheres pobres terminavam não tendo a mesma preocupação com o ritual do casamento, por ser um processo custoso e muitas não tinham como pagar por tal, diante disso, o divórcio não é visto como importante na vida das mulheres pobres. Percebemos que essas enfrentaram/enfrentam olhares de preconceito, diante de uma sociedade que ainda era carregada de fortes valores morais e conservadores.

Procuramos por meio deste trabalho abordar a vida das mulheres pobres na cidade de Picos, as suas vivências, os locais que eram possíveis de se fazerem presentes, seja na forma de diversão ou de trabalho. Diante disso, fica evidenciado que essas mulheres pobres eram ainda mais colocadas à margem da sociedade. Percebemos ainda, a separação que existia nos espaços de lazer, não podendo as mulheres de camadas populares frequentar os mesmos espaços das mulheres de

melhor condição financeira, tornando-se sujeitos excluídos, que não tinham as mesmas oportunidades que as mulheres ricas.

Nesse trabalho, observamos que as mulheres pobres embora passassem por muitas dificuldades, eram elas menos presas às amarras da submissão do que as mulheres ricas. Mas mesmo assim, não deixavam de seguir os mesmos padrões, com uma grande preocupação com o comportamento e a honra, e assim tentando não romper totalmente com o papel da mulher ideal, diante do controle social estabelecido pela Igreja Católica.

O uso do Jornal *O Dominical* foi de grande importância para tentar compreender e enxergar com maior visibilidade a importância que teve esse meio de comunicação no auxílio à disseminação do discurso normatizador da Igreja Católica que exercia forte poder sobre a vida das mulheres. Direcionando-as para um ideal de mulher, perfeita aos olhos da sociedade, para assim tentar manter seu controle, no momento que a modernidade trazia consigo os pensamentos transgressores, e que fazia com que a Igreja fosse perdendo sua força diante da sociedade.

É interessante observar que, embora já existam trabalhos que tratem das experiências femininas na cidade de Picos- PI, esta pesquisa carrega sua importância, diante da possibilidade de ter sido trabalhado com as mulheres picoenses pobres, observando que até então apenas existissem trabalhos que abordassem as mulheres de outra camada social.

FONTES E REFERÊNCIAS

FONTES

a) Oraís

BARROS, Ozildo Batista de. Depoimento concedido à Layrton Borges Bezerra. Picos, 2012.

BRITO, José Rodney Leal, 2017. Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa. Picos, 2017.

GONÇALVES, Dionísia da Conceição. Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa. Picos, 2016.

LEÔNCIO, Raimunda Diva Nobre Guimarães. Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa. Picos, 2017.

MOURA, Raimunda Fontes de. Depoimento concedido a Marina Priscila Lisboa Araújo Luz. Picos, 2016.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido a Layrton Borges Bezerra, Picos, 2016.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa. Picos, 2016.

SOUSA, Luísa Amélia Irineu de. Depoimento concedido a Dannyele Leal Feitosa. Picos, 2016.

b) Hemerográficas:

A Igreja Condena a Anticoncepção. O Dominical. Teresina, ano XXIV, 12 de outubro de 1962, p. 2.

ANDRÉA, Sônia. *Fatos Sociais. Voz do Campus.* Picos-PI, 8 de dezembro de 1972, p. 5.

A vocação depende da Mãe. O Dominical. Teresina, ano XXIV, nº 18. 28 de janeiro 1962, p. 3.

CONTRA o divórcio. *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, nº 24, 12 de junho de 1960, p. 2.

NASCIMENTO, Geraldo Pererira. *Voz do Campus*. Picos, 20 dez. 1972, p. 4.

O Mal do Divórcio. *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, nº 52, 18 de dezembro de 1960, p. 1.

REFERÊNCIAS

a) Livros

ABNER, June C. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY & PEDRO. (orgs.), *Nova. História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. Annablume, 2005a.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina na primeira república*. Teresina: Edição Bagaço, 2005b.

CARDOSO, Elisângela. *Múltiplas e Singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina – 1930-1970*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986; *Visões da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CATONNÉ, Jean- Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. 2. ed. rev. ampl. Recife: Nordeste, 1995.

_____. *A reconstrução de uma cidade: plano de desenvolvimento para Picos*. Teresina: Comp. ED. Do Estado do Piauí, 2000.

FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo : Contexto, 2004.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo. Humanitas, 2012.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice. *Revista dos Tribunais*, 1900.

MOTTA, Alda Britto da .Elas começam a aparcer. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

NEVIS, 1985 apud FREITAS, 2003, p. 18.

PERROT, Michelle; DUBY, George. *História das mulheres: a Antiguidade*. Porto/São Paulo: Edições Afrontamentos/EBRADIL, 1994.

_____. *Escrever a História das mulheres* 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994, p. 13.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. [tradução Ângela M. S. Côrrea]. – São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. DOSSIÊ: *Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência*. Cadernos Pagu, 4: 9-28, 1995.

_____. A antiguidade. In: *História das mulheres no Ocidente - 4: o século IXX*. Porto: Afrontamento. 1990.

_____. *História das mulheres no ocidente - 5: o século XX*. Porto (Portugal): Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1991.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. 10.ed., 1ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v 20, n.2, p.71-99, jul./dez,1995.

SOIHET, Raquel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. *Mulheres Pobres e violência no Brasil urbano*. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

SOIHET, Raquel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007.

THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle (Org.). *História das Mulheres no Ocidente: o século XX*. Porto: Afrontamento, 1995.

b) Capítulos de Livros e Artigos

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Catolicismo e relações familiares: as redefinições das identidades de gênero no Brasil do alvorecer do século XX. In: NASCIMENTO, F. A.; VAINFAS, R. (Org.). *História e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *História e memória: a condição feminina em Picos durante a década de 1960*. Teresina, 2012.

PEREIRA, Luciana de Lima. Espaço urbano teresinense entre a salvação e a perdição na década de 1950. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: _____; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

c) Monografias, Dissertações e Teses

ALMEIDA, Maria Isabel de Moura. Rompendo os vínculos, os caminhos do divórcio no Brasil: 1951-1977 [manuscrito] 2010. Orientador: Prof. Dr. Noé Freire Sandes. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2010.

ARAÚJO, Karlene Sayanne Ferreira. Teresina (in) desejada e pulsante: pobreza, modernização e memórias da capital na década de 1970. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

BEZERRA .Layrton Borges. Sob o signo da ilusão: as várias formas de representação do Cine Spark na cidade de Picos-PI, de 1964 a 1984. Monografia (Licenciatura Plena em História) Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

CARVALHO, Elieny Veloso de. A feira livre de Picos –Piauí. 2013. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. 535 f. Tese (Doutorado em História Contemporânea II) – UFF, Niterói, 2010.

FONTES, Ikaro Góis.

IBIAPINO, Francisco Rodrigues. *Tá vendo aquele edifício moço? Ajudei a levantar!* memórias da edificação da Catedral Nossa Senhora dos Remédios. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos–PI.

LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine Spark: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 89f. Monografia (Licenciatura em História) – UFPI, Picos, 2012.

LUZ, Marina Priscila Lisboa Araújo. *Entre Marias e Evas: o papel social da mulher picoense e o discurso católico em meados do século XX*. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

MAIA, Cláudia de Jesus. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)*. 2007. 302f. Tese (Doutorado em História) – UnB, Brasília, 2007.

MESTRE, Marilza Bertassoni Alves. *Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)*. 2004. 250 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2004.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. *A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960*. 2014. 141f. (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, Teresina, 2014,

_____. *A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960*. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011.

PINHEIRO, Marília Alves. *Memórias do meretrício: discursos e sociabilidades da prostituição picoense nas décadas de 1950 e 1960*. 2012. 60f. Monografia (Licenciatura em História) – UFPI, Teresina, Picos, 2012.

ROCHA, Pedro Cesário da. *A musicalidade Picoense (1968/1983): (En) cantos das gerações*. Picos –PI. Universidade Federal do Piauí – Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros –Picos, 2011.

SILVA, Francisco José da. *A importância da Produção e Comercialização do Alho na cidade de Picos/Piauí (1950-1981)*. Monografia (Licenciatura Plena em História) UFPI. 2012.

SILVA, Maria Carolina Silva Martins da. *Nas veredas dos discursos moralistas: a honra das mulheres em Feira de Santana, Bahia (1960-1979)*. 2009. 163f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

d) Artigos da Internet

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995

ANEXO



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Dannyele Beal Feitosa,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Entre Regras e Normas: As mulheres pobres na
cidade de Picos-PI nos anos 1960-1970.
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de Janeiro de 2018.

Dannyele Beal Feitosa
 Assinatura

 Assinatura